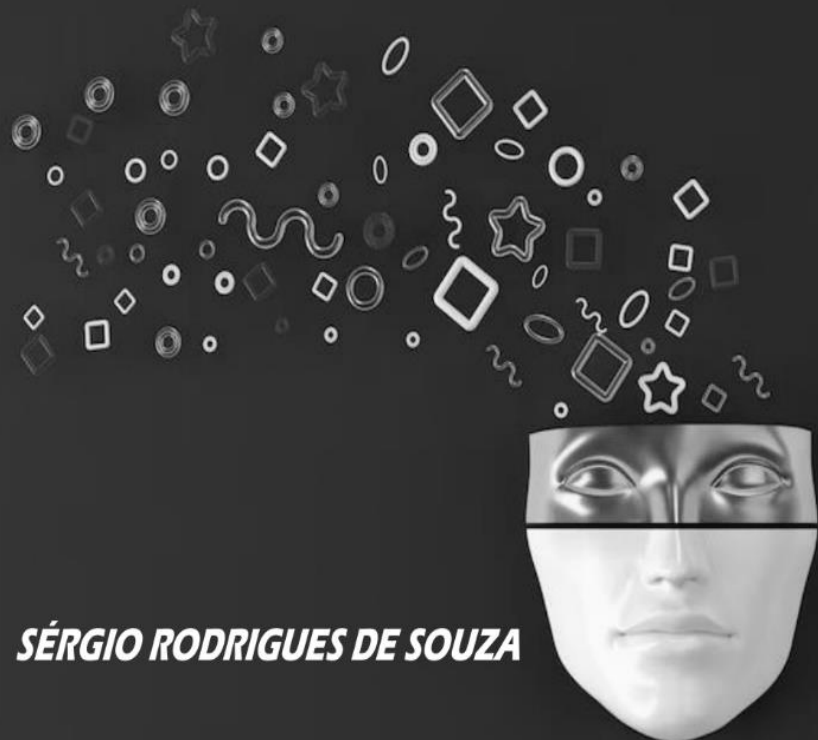


*SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA*

# LITERATURA *e* PSICANÁLISE



*SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA*

# LITERATURA *e* PSICANÁLISE

**2023 – Editora Unigala**

[www.unigala.com.br](http://www.unigala.com.br)  
editoraunigala@gmail.com

**Autor**

Sérgio Rodrigues de Souza

**Editor Chefe:** Jader Luís da Silveira  
**Editoração e Arte:** Resiane Paula da Silveira  
**Imagens, Arte e Capa:** Freepik/Uniesmero  
**Revisão:** O Autor

**Conselho Editorial**

Ma. Tiaty Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC

Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS

Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP

Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL

Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB

Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional

Esp. Resiane Paula da Silveira, Secretaria Municipal de Educação de Formiga, SMEF

Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S729I Souza, Sérgio Rodrigues de  
Literatura e Psicanálise / Sérgio Rodrigues de Souza. –  
Formiga (MG): Editora Unigala, 2023. 75 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-85101-09-7

DOI: 10.5281/zenodo.7633898

1. Literatura. 2. Psicanálise. 3. Psicologia. I. Souza, Sérgio  
Rodrigues de. II. Título.

CDD: 159.964

CDU: 159.964

*Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam  
responsabilidade de seus autores.*

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os  
fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Unigala

CNPJ: 35.335.163/0001-00

Telefone: +55 (37) 99855-6001

[www.unigala.com.br](http://www.unigala.com.br)

[editoraunigala@gmail.com](mailto:editoraunigala@gmail.com)

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:  
<https://www.unigala.com.br/>



# **LITERATURA E PSICANÁLISE**

**Dr. SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA**

“[...] Sempre estamos começando, e não há outro elo em nossa existência além de uma sucessão de momentos presentes, o primeiro sempre sendo o que está acontecendo. Morremos e nascemos a cada instante de nossa vida, e que interesse a morte pode nos oferecer? Se nada existe para nós além do que será, só podemos ser felizes ou infelizes pelo futuro, e nos atormentarmos com o passado é tirar do nada os motivos da nossa miséria” (ROUSSEAU, 2010, p. 65).

## INTRODUÇÃO

A literatura, desde seu surgimento no Ocidente, com a figura lendária de Homero<sup>1</sup> que já trouxe para os espaços conscientes aquilo que estava oculto da vista de todos, rompendo com os mistérios e os segredos mais profundos do pensamento humano, criando formas elementares de ver e sentir a natureza, de uma forma muito mais dinâmica, silenciosa e profunda, o que a vincula à *Physis*, ao elemental mais sagrado e mais profano, objeto de desejo de deciframento pelo homem. No entanto, a natureza é indecifrável ao homem e não é por mero acaso que faz referência ao *pathos* humano, assim como à natureza humana, uma ideia de valor que o leva a compreender-se e ao seu gênero, já de antemão, como elementos que não podem ser interpretados pela simples razão lógica.

Desde o seu início, a Psicanálise esteve vinculada à literatura de alguma forma, porque como técnica, ela busca compreender os ditames dos processos que ocorrem na psique humana, que fogem ao controle do próprio indivíduo e que cabe ao analista desvendar e ao trabalho de análise, cabe uma questão de comparação muito inquietante com outros acontecimentos marcados em outros momentos históricos e que estão fora do campo objetivo do ser sobre o qual pesa a angústia do seu destino.

O próprio Freud fora um intelectual de grande envergadura e com uma expressiva bagagem de leitura dos clássicos. Tanto que, para desenvolver as bases do trabalho analítico, que era o fato do amor do filho pela mãe e a repulsa ao pai, ele busca na literatura clássica um elemento que pudesse conferir-lhe o suporte necessário às suas

---

<sup>1</sup> Homero (em grego: Όμηρος, transl. *Hómēros* – 928-898 a.C.) foi um poeta épico da Grécia Antiga, ao qual, tradicionalmente, se atribui a autoria dos poemas épicos *Ilíada* e *Odisseia*.

teorias e hipóteses de trabalho clínico, podendo encaminhá-lo às suas ideias de solução das patologias e, assim poder livrar seus pacientes dos males a que eram acometidos.

A literatura, desde muitos séculos antes de Freud e sua técnica de tratamento, a Psicanálise, que já trazia expresso em suas linhas e entrelinhas, os sintomas da histeria, do ódio ao pai, do amor à mãe, dos desejos reprimidos de vingança, admiração, sublimação, a negação e outras ideias que foram exploradas com afincos pelos analistas e acolhidas pela nova técnica, que permitia, de agora em diante, discutir tais sentimentos com toda a segurança, sem correr o risco iminente de cair no ridículo e, “é S. FREUD que inaugura essa relação, criando um campo de diálogo, a nosso ver, privilegiado.”<sup>2</sup>

A possibilidade de se poder explorar o mundo intrínseco da humanidade através dos simbolismos deixados à mostra pelos artistas e escritores foi o marco mais profundo que se tem conhecimento, até o presente, no processo de desenvolvimento sociológico do conhecimento humano. Freud foi muito além de proporcionar condições reais de interpretação para o pensamento expresso, porque quando isto ganha o terreno da classe artística, estes descobriram que havia um campo inédito para ser explorado e, agora, detentores do conhecimento sobre como isto ocorria de fato, podiam fazê-lo de forma consciente; tornava-se palpável; portanto, prática passível de análise, de experimentação, de troca simbólica, de aprofundamento e questionamento, permitindo a elaboração de um final que pudesse ser compreendido pelo leitor.

A partir de toda esta construção intelectual, iniciada pelo Mestre de Viena, ainda no século XIX, os romances

---

<sup>2</sup> VILLARI, Rafael Andrés. Relações possíveis e impossíveis entre a Psicanálise e a Literatura. *Psicologia Ciência e Profissão*, 2000, (20) 2, pp. 02-07 (p. 02).



tornam-se mais humanos, não porque passassem a possuir e a expressar uma profundidade mais dinâmica; o que ocorre é que aqueles que estavam consumindo-os podiam ver-se refletidos neles, como estando diante de um espelho, no qual se mira e se percebe como sendo aquele que lhe apreze de frente, imaginado.

A análise dos *Mythos* é costume desde a Grécia Clássica e Sócrates e seus discípulos, entre eles, Platão, assim como o próprio Aristóteles de Estagira já realizavam interpretações profundas e consistentes, demonstrando que naquelas obras de caráter literário escondia-se questões de intensa envergadura, relacionadas ao espírito humano e às suas vicissitudes. O que faltava a estes pensadores da Antiguidade Clássica era um elemento que servisse como *leitmotiv* para encadear as concepções e de que forma estas ocorriam no interior do pensamento humano, de onde vinham, para onde iam e como se formavam.

Que estes fenômenos psicológicos se manifestavam, eles já sabiam; mas, restava um problema insolúvel, que era saber como e onde aconteciam estas situações; porque, algo somente pode se manifestar, uma vez que exista. Em que espaço do pensamento tais ocorriam, se formavam? É aí que Freud fornece as respostas que não deixaram de incomodar a todos os gênios que o antecederam no estudo do pensamento complexo humano. Os literatos cuidaram de expressar, de diversas formas, todos os excessos humanos, criando situações inusitadas que a maioria dos humanos se negavam a admitir como que ocorrendo consigo mesmos e a estas criaturas que revolucionaram a técnica da escrita foi auferido o título de gênios criativos; mas, tal epíteto foi muito mais para manter longe de todos a certeza de serem os homens, considerados como normais, os seus modelos de produção intelecto-literária.

A vida cotidiana e a essência humana foram os grandes nichos de construção intelectual dos escritores mais contundentes da história. Um personagem determinado e curioso caminhava, sem rumo, por uma estranha via, que acreditava ser sua velha conhecida, chamada existência e ia, não analisando e interpretando o que se lhe mostrava, mas registrando e fazendo indagações que provocaram o espírito do leitor de tal forma que isto transformou-se em clássico desde quando foi publicado em alguns casos e em outros, a posteridade cuidou de demonstrar a grandeza do pensamento expresso, especialmente depois de ter sido analisado, à exaustão, e interpretado sob a óptica de uma ciência que perscrutava os espaços mais minuciosos que ficaram, de certa forma, invisíveis a olhos menos curiosos e menos preparados.

A partir do momento em que Freud apresenta ao mundo, sem quaisquer distinções, uma ferramenta capaz de auxiliar na compreensão do que o autor desejava expressar, a forma como via a realidade que o cercava e que não estava delirando e muito menos fazendo qualquer previsão; simplesmente, descrevendo situações corriqueiras as mais comuns e que, ocorria a todos, sem distinção, a literatura começa a ser revista e mais, torna-se alvo de desejo de consumo de pessoas comuns que, até aquele momento não se interessava por obras literárias por não conseguir enxergar qualquer sentido nelas.

É assim que a Psicanálise pode ser interpretada, como uma técnica que apresenta potencial para ser aplicada em vários rumos e ramos do pensamento humano, focado na dimensão de uma interpretação mais profunda dos conteúdos subjetivos postos nos trabalhos de grandes gênios da literatura e que, em sua maioria, eram homens públicos; logo, seus personagens representavam aquelas

figuras indômitas com as quais lidava todos os dias em seus respectivos ambientes de trabalho.

Pelo fato de a Psicanálise buscar seus fundamentos em diferentes campos do saber, isto contribui para que parta da análise do comportamento dos personagens para se aproximar de uma conclusão sobre seus sentimentos mais profundos e obscuros. Em sua investigação intrínseca nas obras literárias cuidou de abraçar a Semântica e a Filologia, ciências que dão sentido claro ao que expressa o autor através do sentido primitivo dos vocábulos e ainda buscam explicar situações que, de alguma forma, antecederam a existência contemporânea, o que garante uma ligação filogenética entre os homens do presente e aqueles do passado, fato que para Freud se explica sob o argumento de que a essência humana civilizada foi construída sobre as estruturas primitivas que compunham o animal que corria livre pelas savanas, não destruindo os pilares, apenas se sobrepondo a estes, na forma de camadas muito sensíveis e permeáveis.

Pode-se compreender assim, que o fato de poder dialogar com as obras e suas nuances psíquicas mais profundas é algo que surge a partir desta porta aberta pelo Mestre de Viena e seus seguidores, tendo como fundamento a arte da Psicanálise. No entanto, toda esta condição singular deve ser tratada com o devido respaldo, para que o analista não coloque sentimentos e emoções em situações que fogem totalmente ao contexto da obra, não conferindo a dignidade de, em alguns aspectos da literatura, tudo não estar sendo uma expressão de tudo aquilo que o poeta presenciou, não caracterizando-se como uma expressão de seu ser. As situações descritas, em muitos casos, são sentimentos que atravessaram o poeta-escritor, levando-o a um estado de espírito em que encontra o êxtase, ou seja, sai de si e expõe o que pensa ser o ideal ou mesmo a sua

ideologia, os princípios que julga necessários para uma sociedade perfeita e, em muitos casos, observa-se que o Herói da trama termina traído por seus ideais, não por eles diretamente, mas por levá-los a um grau de determinismo que não pode suportar, o que fez com que seu inconsciente o condene a uma situação de fracasso; sendo assim, é traído por seu próprio eu, aparentemente irracional, mas que, em sua essência, trabalha em proteção da vida e da segurança do próprio indivíduo, visando ao seu bem-estar espiritual.

Tudo seria de muito fácil execução, não fosse toda a gama de situações, as mais inusitadas, que envolvem a construção de uma obra literária, indo desde a escolha dos personagens, passando pelas tramas que irão compor o escopo e o séquito linguístico que cada personagem poderá assumir como sua condição singular de ver e sentir a vida em seus mais complexos modos para além e aquém de si mesmos. A abordagem, realizada desta forma, é uma condição prévia para que o analista possa iniciar a busca pelos suportes mínimos necessários em outras ciências que dialogam com o inconsciente para alcançar sua máxima eficiência no trabalho de aproximar-se de uma compreensão da linguagem utilizada para expressar os sentimentos não expressos dos personagens.

O estudo deste tema constitui um desafio intenso, porque toda a literatura que foi analisada por Freud e seus discípulos, nos primórdios da Psicanálise foi produzida sem o conhecimento sistemático da existência do inconsciente e de outros sintomas e sentimentos que foram *descobertos* e classificados/organizados por ela. O autor descreveu os sentimentos de seu personagem; mas, não havia uma forma de denominá-los, classificá-los ou ordená-los.

Com o surgimento da técnica psicanalítica, a maioria dos autores passou a introduzir pensamentos e sentimentos

não expressos e confusos nos seus heróis e heroínas, de forma consciente, de maneira que, em algum momento da trama, fosse declarado ao público o que se passava com eles e em suas condições psíquicas inconscientes. Freud elabora uma condição singular de diálogo entre o leitor e o inconsciente do personagem, tendo como recurso uma técnica de análise linguística que ele mesmo criaria, partindo de uma estrutura semântica própria.

Isto significou um avanço incomensurável nas artes literárias; no entanto, havia que ter o cuidado para não psicanalisar o texto, levando a uma perda de sua essência mais característica, que era a luta representada entre o princípio da realidade e o princípio do prazer, expressos através do conflito não revelado e, por vezes, negado pelo personagem da trama, o que propiciava o surgimento de um amálgama que consumia o herói, transformando-o em um ser único, com o qual o público busca identificar-se, amar, odiar, desejar ser.

Este foi o ponto mais elevado que a Psicanálise conduziu a interpretação do objeto analítico dentro do campo da literatura e, há que tomar o cuidado de que, se venha a crer, de modo inocente que, com sua introdução no mundo das ciências isto tenha feito com que os romances se tornassem mais complexos em suas estruturações. Seu mérito está em possibilitar a compreensão profunda do que leva um indivíduo, imerso em um contexto, a agir de determinado modo, em determinadas situações que a razão mais simples conduziria a uma atitude diferente e, mesmo estando cômico de todos os riscos inerentes à situação e aos perigos que ela encerra, não muda sua postura ou seu modo de ser e de agir.

A Psicanálise se aplica, com muito maior reverência, à literatura clássica, aquela que procura criar personagens fundamentados no aspecto mais natural e mais cru da

existência humana, sem preocupar-se em adequá-los à realidade na qual estão inseridos, porque é aí que encontra-se o conflito que destrói o espírito do herói; ele não pertence àquele instante histórico, no entanto, o deseja; mas, ao mesmo tempo, parece não se importar com esta situação, vivendo sua vida como se tudo aquilo que realiza fosse espontâneo. São as metamorfoses que vão acometendo seu estado de ser que dão o matiz mais profundo à obra e, quando se consegue aproximar-se de compreender o que provoca a angústia naquele ser especial, tem-se o claro entendimento de que o que conduz à negação do conflito é a satisfação gerada pelo conflito.

Com a ciência de Freud muitos conflitos de natureza política puderam ser interpretados através das ações dos personagens descritos em grandes obras do passado. Pode-se compreender que o ambiente social revela a verdadeira natureza do ser humano e o comportamento descrito, pelo autor, sobre seu herói e seus companheiros, retratam a realidade social do momento em que vive e não necessariamente uma vida sem sentido e sem razão de ser.

O mais interessante é que a literatura clássica jamais é esgotada pela interpretação psicanalítica, uma vez que o interesse desta última não é exaurir o que de mais profundo esteja retratado nas obras, antes, sua intenção é abrir uma fresta na estrutura escópica da peça e, com isto, permitir que um feixe de luz seja lançado em direção ao interior do objeto, possibilitando vislumbrar novas formas e novos contornos, ampliando as potencialidades de interpretação e compreensão do comportamento dos seres imortalizados pelos poetas.

Muito antes de Freud, outros pensadores clássicos já exaltavam a questão do Ego (orgulho) como mecanismos de ação individual e que levaram a atuações irracionais. No entanto, é através da Psicanálise que estes modos de ser e

de agir podem ser dados a conhecer e terminam revelados e explicados de forma categórica e contundente, conduzindo ao entendimento de que o herói, desmedido, que ultrapassa seu *métron*, que incorre em *hybris* é a representação do desejo reprimido de liberdade do coletivo ao qual pertence; ele é a satisfação do ego coletivo. No entanto, se assim o é, como interpretar o temível castigo cruel e severo a que é submetido? Simples: do mesmo modo que todos desejam romper com a tradição e destruir as regras que os cerceiam, sentem paixão por ela; um sentimento profundo que beira à superstição e, isto provoca a sensação de culpa, esta que deve ser punida para a expiação do mal. Assim, o herói, antes admirado, agora deve ser castigado, porque, antes de mais nada, ele é, também, o *bode expiatório*. O herói não é apenas a representação exógena do amálgama individual e coletivo. Ele é o próprio amálgama que o ser humano não deu conta sequer de compreender, quanto mais de resolver intelectualmente e, em menor grau, empiricamente.

## A LITERATURA E O INCONSCIENTE

O inconsciente sempre esteve presente na literatura, mesmo antes de ele ser parte do cotidiano das discussões intelectuais que foram surgindo e ganhando proporções maiores devido aos estudos sistemáticos em torno do pensamento humano, por parte de Freud e seus discípulos. Antes destes processos ele era tratado sob vários aspectos e denominações, ora como deus, ora como demônio, ora como instintos selvagens, animais; o que é fato é que ele fazia-se marca indelével no trato dos escritores com sua técnica.

Os poetas foram os primeiros a perceber que existia uma força imperiosa, obscura e ainda não compreendida que determinava os rumos da existência humana e, por mais que se buscasse dizer que estes estavam no controle absoluto de suas vidas e decisões, estas eram marcadas por influência de situações que até mesmo a memória já havia banido da consciência.

Yudith Rosembaum aborda a questão do vínculo entre a Literatura e a Psicanálise, de maneira a buscar uma compreensão entre ambas que se utilizam de um mesmo instrumento para chegar a lugares [não tão] distintos, que é a linguagem. Em sua concepção, “tanto na clínica como na arte, no caso a literatura, o inconsciente aflora e busca figurações que o expressem, espaço para existir para além ou aquém das amarras que nos prendem a sistemas de significação e de regulação.”<sup>3</sup>

O que se deve destacar é que o inconsciente não é incosequente. Ele guia o indivíduo a satisfazer desejos profundos; mas, em hipótese alguma, que este gozo seja de

---

<sup>3</sup> ROSEMBAUM, Yudith. Literatura e psicanálise: reflexões. *Revista FronteiraZ*. São Paulo, n. 9, dezembro de 2012, pp. 225-234, p. 226.



maneira irresponsável e inconsequente. As transgressões dos limites impostos pela sociedade demonstram uma dualidade que a própria assume diante de si e expressa em todas as formas de arte conhecidas. Os artistas recebem uma licença especial para extrapolar *[quase]* todos os limites da lei e a isto deram o nome de *licença poética*. Quando explico que, podem ultrapassar *quase* todos os rigores do ordenamento social é pelo fato de que, Afrânio Peixoto revelou, em 1916, que “o delinquente do presente é o modelo de delinquência do futuro.”<sup>4</sup> Desta forma, o herói de uma saga que comete todos os tipos de infrações e sai ileso ao final, driblando toda a justiça, passa a ser visto como um modelo a ser seguido e, seu comportamento, a ser copiado por todos.

Mesmo este sendo um comportamento determinado pelo Ego, a força que o impulsiona é de ordem tão subjetiva que, sua motivação para tal é inconsciente e nada que se tente fazer para impedir que a atitude daquele personagem contamine a toda uma geração tem efeito positivo. De uma forma estranha e sem muitas condições de se poder explicar de maneira racional, os líderes comunitários sabem disto; talvez por uma questão de observação empírica ou mesmo por causa de um medo, também, inconsciente. A única coisa que se consegue alcançar com esta informação é que a literatura atua de uma forma muito profunda e misteriosa no espírito humano, indo desde a motivação do artista, com relação à peça que pretende escrever, até a percepção do leitor sobre a obra em suas mãos, ditando a forma como irá interpretá-la, compreendê-la e, por fim, sintetizá-la como parte de sua existência individual e coletiva.

---

<sup>4</sup> PEIXOTO, Afrânio. *Psicopatologia forense*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Companhia Nacional, 1928. [Obra publicada, originalmente, em 1916].

Quando se tem a oportunidade de ler um clássico, a primeira afirmação que se faz é a de que o autor do mesmo é um gênio, como se ele fosse um clássico, chegando a criar o jargão de *autor clássico*, na tentativa de colocá-lo acima de sua criação. Isto é um erro crasso, porque toda obra, ao nascer, é nada mais que uma obra, como qualquer outra e, somente após o juízo do público-leitor é que vai se tornando um objeto de valor inestimável e com condições de mostrar a genialidade de seu criador, ou seja, não é o artista que produz uma obra memorável; é uma obra que consegue conversar com seus leitores em tal nível de profundidade intelectual a ponto de encantá-lo que leva ao leitor a consagrar aquele que a gerou.

A partir do instante em que isto acontece, o inconsciente é excitado em direção às produções literárias daquele determinado escritor e toda a expectativa que se forma é algo fora do domínio consciente do seu público-alvo. Um jogo de luz e de sombras é construído e tudo o que se tem como resultado, seja de superação destas expectativas ou mesmo de decepção em relação a elas, é algo que se situa fora do espaço de poder do indivíduo, apesar de crer que detém controle absoluto sobre tais situações. Em muitos casos, as editoras criam canais abertos onde os leitores e fãs enviam seus comentários aos escritores e nesta comunicação, acabam por manifestar os seus desejos mais obscuros sobre os personagens, suas decepções e outras formas de expressão de suas ideias que podem ser convenientes ou não ao processo de produção literário, o que acaba por satisfazer o ego dos leitores; mas, neste sentido, jamais uma obra receberá o título de obra-prima ou de clássico.

A literatura característica de tornar-se algo além de si mesma colhe elementos os mais diversos na natureza bruta humana, a partir da observação do comportamento social

dos componentes de um coletivo, tentando extrair o que motiva cada qual inserido no processo a atuar de um determinado modo e não de outro, ainda que se apresentem condições ideais para isto. Que elemento(s) obscuro(s) faz(em) com que as peças do jogo se encaixem de tal maneira que rompa com toda a ordem criada para ser perfeita, tornando-a uma conjuntura sem nexos? Tudo isto é algo que está além da possibilidade de explicação e o autor clássico sabe, exatamente, desta condição e, este é o motivo porque não se interessa em esclarecê-lo, porque “é essa dinâmica de revelar e ocultar as faces do desejo que aproxima a palavra poética da palavra numa análise. Ambas dizem o que na vida ordinária e comum não podemos ouvir. Elas se encontram na condição de signo desautomatizante, desalienante, inusitado, que rompe o *status quo* da língua e desafia o que teima em se acomodar. Tanto a psicanálise como a literatura falam de algo que escapa pelas malhas da linguagem, mas que só nela pode ser flagrada.”<sup>5</sup>

A linguagem é um artifício, especificamente humano, através do qual se expressa ou se nega toda uma fora especial de ser ou de não ser. Paradoxalmente, é nela que se esconde aquilo que mais incomoda e também se tem a oportunidade de elaborar mecanismos de construção e desconstrução de toda uma estrutura complexa que, graças ao surgimento da Psicanálise e toda a sua gama de instrumentos interpretativos se pode desvendar o que a Literatura já havia conseguido expor, sem, no entanto, conseguir explicar.

Sem um amplo e profundo conhecimento acerca do comportamento humano, a literatura e todo o seu escopo de maravilhas apenas podem encantar pela harmonia com que

---

<sup>5</sup> ROSEMBAUM, Yudith. Literatura e psicanálise: reflexões. *Revista FronteiraZ*. São Paulo, n. 9, dezembro de 2012, pp. 225-234, p. 226.

as letras se imbricam e se misturam dentro da obra. Não se trata de ter uma técnica a dispor e ao sabor dos humanos que isto significa que tudo pode ser interpretado como se queira. Quando o escritor prepara seu texto e o desenvolve, não tem em conta estes elementos como meio de preparar o seu personagem e toda sua trama, aventuras e buscas que estão além do princípio humano. Quando se apropria de seu processo de revisão é que, os autores pós Psicanálise vão integrar estes elementos como forma de ampliar sua obra, acreditando que com tal atitude está a angariar mais leitores. Este é o maior engano, porque o leitor não tem grande apreço por obras que revelam os sentimentos que amargam nas profundezas do espírito do herói; o fetiche de uma obra clássica está em passar toda ela envolta em mistérios que conduzam a formulação de hipóteses as mais variadas e, se for o caso de não haver pretensões a uma continuação, que o autor crie um capítulo especial, um epílogo, onde explique ou que apresente aos leitores os fenômenos que contribuíram, de maneira direta ou indireta, para a construção e a estruturação da personalidade do herói, o que a máscara que usa, de fato, esconde de todos, até de si mesmo.

Os pensamentos mais desconexos e as ações mais incompreensíveis se traduzem em formas de romper com o *status quo* e todo o seu séquito de moralismo que mais oprime aos indivíduos não possibilitando que expressem aquilo que realmente sentem e que é uma forma de protesto contra os valores sociais. Os regimes totalitários crêem que o simples ato de expressar uma crítica aos seus ditames já se configura como uma situação de perigo iminente para a estruturação e manutenção da ordem e, como sua linha de pensamento é fundamentada na certeza absoluta de que a melhor defesa é o ataque cuidam de abolir os livres pensadores que, em sua maioria, são escritores, por ser

esta uma forma de imortalizarem-se e às suas propostas e junto com eles as suas obras.

A Psicanálise, quando surge e ganha terreno mesmo em países fechados como a [ex] União Soviética fez com que a literatura se transformasse em uma bomba atômica e, junto com este potencial destruidor veio o medo o que, por consequência, fez com que a perseguição se tornasse mais insistente e perniciosa. Lógico que, como forma de escapar à censura, os escritores utilizam artifícios os mais variados, dialogando com o inconsciente dos leitores e, através de tal mecanismo, enviando mensagens que somente poderão ser compreendidas na sua íntegra, anos mais tarde, através de estudos refinados e profundo conhecimento do momento político no qual estava inserido.

A escrita não é uma técnica que se desenvolve apenas com o tempo ou com a prática; muito mais que isto, ela necessita ser elaborada e redesenhada, de maneira constante, partindo da leitura da realidade que compõe a sociedade e os desafios postos pela existência. Pode-se compreender que na formação e na estruturação do pensamento humano até que este alcance o caminho da expressão através da linguagem escrita há toda uma condição de mudanças de perfis nas expressões utilizadas, nos sentidos que são conferidos a elas, sempre na intenção de que expresse aquilo que a máscara social permite ou possibilita ao indivíduo expressar, sem correr um risco iminente de censura. E é neste ponto de intersecção que a Literatura e a Psicanálise mostram seus potenciais de liberdade a que os autores e os indivíduos estão imbuídos; porque, através delas, eles podem expressar aquilo que, de outra forma, deveria manter-se longe dos olhos e dos ouvidos [*sempre castos, pudicos*] de todos.

O mais interessante é a roupagem com que se vestem as expressões e o próprio pensamento colocado

para fora, de maneira que se cria uma sonoridade e uma extensão linguística que exaspera o que se explana e todo o conjunto censor que o atravessa, sem que este último possa destruí-lo ou, simplesmente, impedi-lo de estar presente. Há toda uma magia poética que leva o leitor a deleitar-se, submetido a um sentimento de leveza tal que todo o peso da realidade existencial fica posto à margem da realidade produzida pela licença poética do escritor e aceita como factual pelo leitor, ignorando este que se trata da expressão de seu próprio mundo, em que em muitos casos, cria um mundo da negação absoluta e julga, publicamente, o que lê como abstração poética.

Assim que, a Literatura e a Psicanálise permitem que os membros se soltem, que o rubor de vergonha no rosto da virgem seja interpretado como um desejo recatado; ambas fazem com que as línguas depravam o que incomoda e sustenta a sutil paixão enlouquecida, tal qual um vulcão adormecido, que guarda em seu interior o mais poderoso e destruidor magma fervente, sempre oculto aos olhos menos experimentados. Não admira que, ao longo da história, ambas tenham assustado tanto os grandes homens de Estado, fazendo com que eles perseguissem, de modo impiedoso, os escritores e fizessem outros se gabarem de não permitir que em seus reinados houvesse escolas de primeiras letras e imprensas. Com a nova técnica de análise psicológica não foi e continua não sendo diferente, porque ainda se guarda a ideia de que a tudo *Freud explica*; no entanto, este epíteto não traz em si um sentido único de explorar os espaços em branco, até encontrar uma forma mais elementar para explicar os fenômenos sociais e individuais, expressa, antes e acima de tudo, um tipo raro de bruxaria que consegue extrair os segredos mais obscuros da alma, através de uma força invencível e invisível;

portanto, incapaz de ser vencida, uma vez que não pode ser detectada até que sua ação esteja completa.

A literatura detém este poder, porque ainda que se julgue que o artista mais ousado, esteja, ainda sob as amarras de seu tempo e de sua cultura, ele encontra formas de driblar a censura e ir para além do que se permite em seu espaço. Sua voz ecoa anos à frente de si e de seus companheiros, antecipando acontecimentos, porque sua mente é tão livre que pode sonhar o futuro de uma maneira tão natural que se parece livre de toda a pressão a que estão todos submetidos. Entretanto, ele é, através de sua arte, a expressão mais pura do sofrimento e da opressão a que todo o coletivo está submetido pela *Physis* e pelo *Nomós*.

Um grande escritor literário, clássico, jamais explora o inconsciente individual ou o inconsciente coletivo; ele busca compreender como funciona o inconsciente de *um coletivo*, de um grupo pequeno, seletivo, este que pode ser analisado tendo seu comportamento analisado, interpretado e compreendido com exatidão milimétrica, *quase* cirúrgica. Geralmente, este conjunto de delinquentes sociais dão a mostra do que a sociedade, como um todo, deseja para si como interpretação de sentimentos de liberdade, potência, formas de amar, de ser, de ter, de estar, de viver e de existir. O mais interessante é que as obras literárias, na atualidade, são produzidas para um determinado coletivo em particular e isto é tão forte que, quando o membro do grupo ultrapassa aquela idade específica perde, quase que por completo, o interesse por aquelas obras e não mais as lê; por vezes, até mesmo se desfaz dos livros que possui em sua biblioteca. No entanto, isto não assombra aos escritores deste grupo, porque outros jovens vêm atingindo a idade de consumo daquele tipo de literatura *trash* e assim o ciclo de consumo das obras de massa continua *ad aeternum*, sem

que ninguém perceba porque o faz e porque o deixou de fazer.

Depois que Freud e seus discípulos sistematizam o estudo sobre o inconsciente que os poetas e literatos puderam explorar, com maior segurança e profundidade, os mecanismos de ordenamento do comportamento humano, quando em isolamento e quando em companhia de outros. Os autores que produzem obras clássicas escrevem para leitores que debruçarão sobre a leitura de modo isolado e, a não ser que estejam em grupos restritos de eruditos, jamais comentarão sobre o que estão a ler.

Não se pode perder de vista que “a psique humana é um labirinto de repressões, deslocamentos, condensações, projeções, identificações, dissociações, racionalizações, substituições, sublimações, compensações, regressões, fixações, conversões, etc”<sup>6</sup> e, é neste conjunto de situações que os poetas têm, ao longo dos anos, construído suas obras tão e mais encantadoras. Eles se permitem divagar sobre os passos dados e os impasses que seriam negados aos seres humanos comuns, talvez geridos pelo medo e a desconfiança; no entanto, o herói não teme o que possa acontecer-lhe; ele desafia os deuses e o destino em busca da verdade, mesmo estando de posse de suspeitas de que este conhecimento pode conduzi-lo a mais completa ruína.

De uma maneira estranha e intransigente, este herói desafiador e emulo dos deuses, figura central nos romances e obras literárias clássicas de todos os tempos e lugares é a personificação da insatisfação humana com o modelo de vida na qual todos estão submetidos. Mesmo que não expressem sua angústia e sofrimento ou que se vejam obrigados a conformarem-se com o que possuem de estilo

---

<sup>6</sup> ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto: Ensaios* (Coleção Debates). 2. Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, INL/MEC, 1973, p. 116.



de vida, seja por forças maiores ou menores, mas o fato é que o homem termina fincado em um determinado espaço porque as condições existenciais o impõem a isto.

Na literatura, o herói, insatisfeito com sua vida bucólica, se lança ao mundo [*sobre ele e nele*], sem a menor preocupação com o que possa acontecer a si e àqueles a quem deixa para trás, abandonados à própria sorte e, ao final, quando retorna, todos dizem compreender os motivos que o levaram àquilo, sem remorsos ou dor por terem sido preteridos em suas aventuras e conquistas. E, o mais curioso é que este sentimento é, em parte, sincero. Ele representou nada mais que um objeto de busca e apreensão de novos saberes para uma cultura que já não tinha mais nada a oferecer. Pode parecer desprezo para com sua história e a de seus ancestrais, mas quando se analisa, com um olhar antropológico, tem-se que tudo o que vive e experimenta está fadado a retornar à sua tribo, na forma de conhecimentos e de uma sabedoria que vai se mostrar à geração futura como uma revelação divina.

O herói errante e destoadado de seu tempo e espaço físico, por crer e expressar que ambos são limitados demais para si é uma manifestação inconsciente, e de igual forma, silenciosa que a *Physis* criou para que os povos evoluam em seus conceitos e isto possa permitir avanços em suas condições sociais e psicológicas, proporcionando, com isto, até mesmo a condição de criatividade dos seus artistas.

Estranhamente o poeta revela isto na forma de uma literatura ousada, repleta de elementos intransigentes que, à primeira vista apenas parece ser uma obra bem construída e dotada de uma elegância estilística e estética impecável.

Um poeta é alguém que enxerga o mundo sob duas direções muito transparentes: Em preto e branco e o que parece ser uma condição única, não se percebe que estas duas situações não se configuram como cores expressas,

porque a segunda, em que todos se crêem ver ali uma cor é a mistura de todas as cores perceptíveis ao olho humano e o primeiro é a ausência de todas as cores perceptíveis ao olho humano. Portanto, para o escritor, o mundo vai ser sempre isto, uma mistura perfeita de tudo ou uma ausência completa de tudo. E, surge a pergunta avassaladora: onde está situado o humano nisto tudo? A resposta mais próxima seria a de que está entre estes dois extremos existenciais. E como a literatura cuida de expor tudo isto, transformando o desconforto de toda uma existência limitada em uma paixão atormentada pela satisfação surreal de sentir-se feliz, sabe-se-lá com o quê?

Esta é, talvez, a resposta que somente caiba à Psicanálise garantir uma aproximação e não é porque seja capaz de fazê-lo e sim, pelo fato de que o objeto de estudo da técnica psicanalítica é um ser que guarda todos os mistérios do espírito e ao interpretar o comportamento individual, tem-se possibilidades de compreender o que é potente o bastante para despertar a alegria e o prazer no ser humano.

Tanto a Literatura quanto a Psicanálise se debruçam sobre o humano, na tentativa de interpretá-lo através de uma análise complexa e nada ortodoxa, em que a primeira utiliza de sua licença poética para irromper por um labirinto proibido e, de alguma forma secreto, dado que ninguém conhece o caminho. A segunda é como Freud afirmou uma peste, porque contamina a todos com a ideia e o desejo de conhecerem mais sobre todos, transformando tal sapiência em poder, um tipo de poder que se intenciona utilizar para o domínio das massas, quando nas mãos dos governantes e para o domínio individual, uma vez que tal intento não escapa ao intento de todos.

A Literatura sempre foi vista, em todos os tempos, como uma arma perigosa, porque expunha coisas que

deveriam manter-se silenciosas e ocultas para sempre. Foi temida; no entanto, foi tolerada, com muitas ressalvas e perseguições e mesmo proibições, haja visto os autos de fé e as chamadas revoluções culturais que destruíram boa parte da obra literária no século XX. Mas, não se pode ignorar a perseguição da Igreja Católica às obras literárias iniciadas na Alta Idade Média e que teve a última edição do *Index Librorum Prohibitorum*<sup>7</sup>, ratificada e atualizada em 1948.

O Padre soviético Yosef Stálin (1878-1953) foi quem interpretou com a maior transparência e significância o porquê de se considerar a Literatura como um artefato extremamente perigoso. Ali se expressam ideias e quem as lê tem a oportunidade de refletir sobre as mesmas até chegar ao ponto de tomá-las como algo que pode ser aplicado à vida prática, atraindo adeptos para sua causa particular.

Com o nascimento e a, sequente, sistematização da Psicanálise, a Literatura se transforma em uma bomba atômica, porque torna possível que a mensagem impressa, de modo subjetivo e obscuro nas entrelinhas do texto, expressando o desejo [antes] oculto do pensador possa ser entendida, analisada, interpretada e compreendida. Nasce aí uma forma de revolução que modificaria toda a estrutura

---

<sup>7</sup> O *Index Librorum Prohibitorum* (Índice dos Livros Proibidos) era uma lista de publicações consideradas uma heresia, anticlericais ou lascivas e proibidas pela Igreja Católica. A primeira versão do *Index* foi promulgada pelo Papa Paulo IV em 1559 e uma versão revista desse foi autorizada pelo Concílio de Trento. A última edição do índice foi publicada em 1948 e o *Index* só foi abolido pela Igreja Católica em 1966, pelo Papa Paulo VI. Nessa lista estavam livros que iam contra os dogmas da Igreja e que continham conteúdo considerado como impróprio. O índice foi atualizado regularmente até a 32ª edição, em 1948, tendo os livros sido escolhidos pelo Santo Ofício ou pelo Papa. A lista não era simplesmente reativa, os autores eram encorajados a defender os seus trabalhos. Em certos casos eles podiam re-publicar com omissões se pretendessem evitar a interdição. A censura prévia era encorajada. A 32ª edição, publicada em 1948, continha 4 mil títulos censurados por várias razões: heresia, deficiência moral, sexualidade explícita, incorrecção política, etc.

do pensamento até então compreendida. O *stablishment* ditatorial se via, pela primeira vez, sob uma ameaça real e iminente.

A literatura clássica debruçou sobre os sentimentos mais profanos do homem, estes que levaram até os sacerdotes a cometerem atrocidades em nome daquilo que mais acreditavam e defendiam como verdade absoluta, marcados por uma formação que os privavam de entrar em contato consigo mesmos, evitando ouvir seus demônios interiores, porque isto poderia vir a corrompê-los e assim, cometeram os mesmos erros que os reis da Antiguidade Clássica que, por medo do vaticínio de um oráculo, agiram de modo impensado e com este ato, provocaram sua derrocada. Aliás, esta é a parte da literatura mais fantástica que já se travou contato, aquela que narra a saga de heróis que tiveram seus destinos marcados por atos de violência contra quem mais deveriam amar; no entanto, por um ato de ignorância ou mesmo de serem postos em lados opostos no campo e batalha por aquilo que se convencionou chamar de Destino, são condicionados, pelas circunstâncias, a executar uma ação imoderada.

Nenhuma técnica ou ciência detém tal poder sobre a vida e a morte de homens, deuses ou animais, cabendo à arte literária fazer este esforço, o que causa inveja aos mais doutos nas ciências humanas, porque enquanto o artista pode corrigir suas falhas ou a de seu herói em páginas à frente ou em tomos seguintes, reatar laços fraternos, a Psicanálise somente pode promover um estado de cura que cabe ao próprio indivíduo decidir como irá viver com seu *pathos*. O analista não detém o poder de um escritor literário, que corrige todas as mazelas com o poder de sua pena. O inconsciente, para um clínico psicanalista é seu campo de trabalho, onde irá atuar em busca de uma salvação ou um alívio para seu paciente. Diferentemente, o

literato tem o inconsciente humano como um parque de diversões, um local aonde ele vai com a intenção de despertar novas formas de divertir a si mesmo e a seus leitores.

Não se pode confundir com a ideia infantilóide que Freud sistematizou o *Inconsciente* em si, porque não o fez; seus estudos sobre o mesmo são de ordem silogística, ou seja, através da observação empírica da manifestação de comportamentos individuais e coletivos, em confronto com os sentimentos que se mantinham em segredo, pode aproximar-se cada vez mais de interpretar tais ações e auferir-lhes sentido epistemológico, transformando-se em conhecimentos empíricos.

Este distanciamento físico e, paradoxalmente, esta aproximação intelectual entre o psicanalista e o literato, que atuam sobre o mesmo objeto, buscando soluções para as metáforas e os desafios da existência, porque de igual modo, ambos, buscam transformar a realidade de modo que ela se torne menos dura, um pouco mais dourada, revestida com o véu da ilusão e da verdade, que embora sejam novamente, elementos paradoxais, nas mãos destes dois mestres da subversão transformam-se em meios subjetivos que possibilitam alcançar fins objetivos.

## A LITERATURA E A PSICANÁLISE

Um dos grandes desafios que se mostra presente quando se tem a pretensão de co-relacionar dois campos de pensamentos teóricos e que, pretensamente, são produtos da práxis, como o são a arte literária e a arte psicanalítica, é o de não se deixar levar pelo binarismo cognitivo, este que se manifesta nas expressões sobre *isto e aquilo* ou, no máximo, sobre *isto ou aquilo*.

A redução do pensamento abstrato a conceitos e paradigmas que podem ser explicados pela condição de ser ou de não ser vem se tornando um dos maiores vilões da compreensão lógica sobre o mundo abstrato e suas formas de expressão. A Literatura e a Psicanálise são duas instâncias que não se entregam a tal conjuntura maçante, especialmente a expressão clássica da arte literária, em que sua condição de existência está, ainda, vinculada a um grupo seletivo e reduzido de obras, todas estas produzidas ao longo de muitos séculos.

Lógico que, a possibilidade de co-relacionar um pensamento a outro está vinculada a existência do objeto com o qual se anela fazer tal proposição de estudos. A Literatura nasceu muito antes da Psicanálise e teve tempo para explorar o mundo que a técnica de Freud tomou para si como objeto de estudos sistemáticos; no entanto, o que aconteceu como resultado da ação empírica foi que, ao buscar fundamento para suas hipóteses nas produções literárias de autores clássicos, em sua maioria, doentes dos nervos em algum grau, a técnica de Freud absorvida pela primeira como uma ferramenta que poderia lançar luz sobre determinados fatos e fenômenos que permaneciam sem muita transparência aos críticos e estudiosos da arte e do pensamento literário.

Compreender a relação existente entre a Literatura e a Psicanálise não é uma tarefa das mais complexas, como também, não se trata de uma condição simplória de dizer que uma atua em determinado sentido, mais genérico, mais sutil, neste caso, estaria dirigindo-se a primeira, criando situações passíveis de interpretações e outra, em sentido mais profundo, no caso, a segunda, esta sempre buscando desvendar o que a primeira aponta como caminho do real, escondido nas mais recônditas partes da psique humana.

Em uma crítica a este pensamento, Vallari afirma que esta relação entre ambas ficou marcada como uma ação em que há mais um entendimento de uma técnica sobre outra do que um diálogo amplo entre duas instâncias que trabalham com o mesmo objeto, em sua práxis. Em sua afirmação, “as relações entre a Literatura e a Psicanálise pareceram limitar-se, até pouco tempo, a uma relação de mão única, onde o objeto literário suportava o embate da teoria freudiana aplicada. Recorria-se com frequência à Psicanálise, quando o sentido simbólico ou um nível outro de leitura parecia surgir no texto. A Psicanálise apresentava-se como um amplo instrumento interpretativo, servindo como chave crítica do texto literário, pretendendo desvendar o sentido oculto. Sobre um objeto – o texto literário – debruçava-se uma teoria que poderia desvelar aspectos de seu enigma. Ou seja, o enigma do texto era desvendado por uma leitura orientada.”<sup>8</sup>

Villari alerta para o fato de que o estudioso e analista literário que se utiliza de ferramentas psicanalíticas para interpretar textos e personagens clássicos da literatura, deve tomar o devido cuidado e não incorrer no exagero de psicanalisar toda obra literária, chegando ao extremo de

---

<sup>8</sup> VILLARI, Rafael Andrés. Relações possíveis e impossíveis entre a Psicanálise e a Literatura. *Psicologia Ciência e Profissão*, 2000, (20) 2, pp. 02-07, [p. 04].

inserir vieses *patológicos* aonde não existe nada, partindo da própria inconsistência e irresolução psíquica do leitor que se julga conhecedor das técnicas de análises de textos literários e preparado para aplicá-las sobre os mesmos. Este tipo de atitude acaba por muitas vezes em destruir a sensibilidade com que alguns indivíduos tentam enxergar as obras clássicas e seus heróis mais sensíveis e por outras vezes, verdadeiros monstros carnicentos são abençoados e perdoados, em nome de seus traumas infantis, estes que distorceram suas respectivas personalidades. Mas, isto deixa uma pergunta complexa: Se o vilão não fosse um animal selvagem, violento, sarcástico e devorador, o que ele seria? A literatura não deixa muito espaço para o anti-herói ser algo além do que ele é, de fato, porque coloca em suas memórias situações que o conduzem, de uma forma ou de outra para ser o que é e o destino que ele pode até tentar mudar, não deixa de agir implacavelmente sobre si, porque assim já estava determinado por sua natureza intrínseca.

O ser humano é o que é; não existindo nenhuma forma de influenciá-lo a atuar de uma forma ou de outra sem que sua natureza bruta já não tenha tal desejo, mantido silencioso assim por uma série de fatores, uns mais fáceis, outros mais difíceis de serem compreendidas. Em essência, os humanos são maus e tudo o que fazem tem o interesse natural de satisfazer ao seu orgulho [*ao seu ego natural*]. Isto já esclarece que nenhum gênio da literatura cria um monstro, em termos de sentimentos e ações e, se ao fim da maioria das obras criativas o indivíduo que rompe com as normas, as regras e as leis sociais é punido de forma severa é simplesmente para que o seu comportamento não sirva de inspiração para aqueles que, por acaso, lerem a criação e se sintam atraídos por aquele personagem.

Quando a Psicanálise irrompe pelos campos da criminologia, mais uma vez é na literatura que busca sua



principal fonte de análise e de casos e, estranhamente, não é na própria jurisdição policial, através de seus transcritos de depoimentos que se tem a oportunidade de encontrar material lúcido e esclarecedor sobre a personalidade dos delinquentes.

A literatura passa a funcionar como uma forma de escape da dura realidade que oprime a existência humana e aqui, tal expressão não está a referir a um tipo de pressão que leva o homem ao ódio, apenas o deixa frustrado diante da realização sempre parcial de seus anelos mais profundos e encantadores aos seus olhos. Acerca disto, J-J. Rousseau escreveu que toda a liberdade de que goza o ser humano é marcada pela castração de suas ânsias e, se a este fosse dado o direito de fazer o que bem entende não seria jamais livre. Com isto, entende-se que a liberdade humana está vinculada ao respeito às normas e princípios elaborados pela sociedade e adotados como valor ético.

A Literatura é uma forma complexa de expressão do mundo que não pode ser visitado fora do espaço da imaginação e da pressuposição imagética, em que toda a descrição do que se vive, percebe ou experimenta não é mais que isto, uma opinião pessoal de um artista que pode ser um técnico habilidoso em alguma área específica que passou a dedicar-se a escrever romances e utiliza de seus conhecimentos práticos e teóricos para dar vida aos seus personagens e às suas interpretações e explicações sobre o mundo e os fenômenos que o atravessam, direta e/ou indiretamente.

Não estranha que quando Freud começa a explorar o inconsciente humano, seus discípulos que, em boa parte eram romancistas ou indivíduos com amplo universo de leitura, foram identificando as semelhanças com que o mestre expressava e foram lhe apresentando, o que abriu um caminho antes sequer imaginado e se, até aquele

momento as obras e os escritores literários já eram alvos de perseguição, ex-comunhão e morte, com a Psicanálise e todo o seu escopo de estudos, pintou foi um alvo direto nas costas e no peito dos artistas de todo o mundo.

Em nenhum momento esta condição representou a intenção do Mestre de Viena; no entanto, era um momento complexo em que a União Soviética, Alemanha, Itália e outros países pela Europa enfrentavam regimes que não toleravam qualquer tipo de dissidência de ideias com seus respectivos mandatários ou que colocasse a ideologia do regime em questão. Muitos indivíduos utilizaram de seus preceitos morais particulares para provocar a perseguição a artistas renomados. Nem sempre a situação se tratava de obras subversivas, mas as beatas e outros enrustidos quando em conflito provocado pela leitura da obra se insurgiram contra as mesmas e também contra os seus autores.

Em muitos casos, estes insurgentes *pathológicos* nem mesmo chegaram a ler as obras que tanto repudiaram e lançaram ao fogo. Bastava a palavra dos padres que, em muitos casos não chegaram a lê-las para que já se tornasse uma blasfêmia e só o fato de ouvir o nome do autor já deixavam as senhoras honestas completamente vermelhas de vergonha. Hoje, se sabe que esta vermelhidão toda tem um sentido denotativo muito transparente e que para a época era traduzido como pudor. Bem, Celia Bertin vai dizer para nós que, “cada tempo tem a sua arte e cada arte a sua liberdade.”<sup>9</sup>

Os literatos, muito antes dos psicanalistas e seus estudos analíticos, descreveram toda esta situação de rubor como desejo sexual reprimido e, para os biólogos isto era

---

<sup>9</sup> BERTIN, Celia. *A mulher em Viena nos tempos de Freud*. Campinas: Papirus, 1990, p. 23.

um tipo de coquetismo, uma forma de atrair a atenção do objeto amado, coisa que os gênios da literatura já haviam também tratado com muita perspicácia e feito descrições minuciosas deste tipo de comportamento humano. Este fora um dos motivos porque os fresquinhos enrustidos ficaram tão nervosinhos com os poetas, pois era uma blasfêmia irracional comparar o homem aos animais em seus instintos, mesmo sendo estas figuras quem exaltava Aristóteles de Estagira por afirmar que o homem é um animal racional; no entanto, não deixava de ser um animal.

Era um paradoxo para os padres fresquinhos, porque sendo à imagem e semelhança de Deus, era o homem um ser puro em seus sentimentos, não agindo por instinto e a literatura e agora a Psicanálise retirava esta sacralidade da figura humana e, por extensão, havia duas coisas a fazer: ou afastar o homem de Deus, criando a ideia do pecado original ou admitir que todos estavam certos e com isto admitir, por extensão que Deus também possuía instintos. Preferiram a primeira via e ainda persistir que os literatos e os psicanalistas estavam errados.

Já a Psicanálise concebe a ideia de que uma vez em consonância com seu eu inconsciente, o homem pode seguir caminhos diferentes dos que segue, em seu atual curso, e se não o faz é porque faltou algo em sua infância que, em uma hipótese de ter acesso a tal coisa, existe uma possibilidade de reencontro com o que poderia ser, caso sua vida não fosse atravessada por uma fatalidade, ou seja, ainda que a um custo muito pesado, existem condições de o inexorável destino ser revertido e, assim, provado que sua inexorabilidade é uma ilusão, um pretexto para a negação da ação direta em favor do objeto e de sua cura psíquica.

A literatura trabalha sobre o terreno da subjetividade, imbricada na ação de levar o personagem a desafiar o que atravessa a razão pura e a razão prática, sendo entendida

toda sua insanidade e desmedida como representações de coragem e exemplo para os seus companheiros. Ele desafia os deuses e os perigos, sem importar que isto custe a sua própria existência e ainda que busque suporte em algum deus ou força externa, isto se trata de um mero eufemismo, porque crê-se superior a toda e qualquer vontade que seja diferente da sua própria e que lhe conduz à realização do seu intento.

Neste mesmo sentido, Bellemin-Noël, provoca uma inferência no sentido de que a Literatura e a Psicanálise desvelam o ser humano em sua condição existencial mais intrínseca, ligada ao fenômeno da capacidade de ler, através da eliminação de essências que imbricam a vida em si e a vida que deseja, como ideal para si. Portanto, partindo deste conceito de ação de ambas “é preciso não perder de vista que a visão do mundo das belas-letas e a marcação dos efeitos do inconsciente funcionam do mesmo modo: são duas espécies de interpretação, maneiras de ler, digamos *leituras*.”<sup>10</sup>

O mais interessante é que ambas irão interpretar aquilo que está à vista, mas que se mantém não perceptível à razão humana. Até mesmo esta fala é estranha e, caso não seja esclarecida se mostra uma inverdade, porque quando confrontado com as situações que os psicanalistas e os literatos expõem em seus respectivos trabalhos, muitos irão dizer que, de uma forma estranha e que não podem explicar já haviam percebido que havia algo fora do lugar ou que determinado objeto não se encaixava naquela realidade específica. Isto não se trata de um eufemismo, mas de interpretações inconscientes e que, sem o devido preparo

---

<sup>10</sup> BELLEMIN-NOËL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. São Paulo: Cultrix, 1978, p. 13.

técnico, é impossível que chegue mais longe que de uma mera percepção e um incômodo sobre algo.

Um literato nem sempre é um psicólogo de formação e, seu conhecimento técnico sobre este campo, da mesma forma, nem sempre atende às exigências mínimas para explicar, com extremada categorização, todos os problemas existências representados por seus personagens, sempre em conflito. Mas, esta é a grande euforia do trabalho literário e sua máxima exuberância intelectual, em que demonstra a perícia de um escritor, porque ao deixar para o leitor a difícil tarefa de equacionar o problema, este estará livre para buscar soluções que melhor convier ao seu gosto e formação individual e ética, grau de conhecimento técnico e outras nuances que são peculiares a cada um.

Mesmo quando estes escritores talentosos e hábeis com a pena são profissionais da área da saúde, cuidam de expressar os sentimentos e os comportamentos de seus personagens sob a óptica do senso comum, porque se tomassem na condição única de diagnosticá-los, em sentido estrito, toda sua obra perderia o sentido literário e tornar-se-ia um romance técnico. Assim que, a descoberta do estado patológico do criminoso se dá de uma forma que mais parece a discussão entre dois personagens em que um vai dando as pistas e o outro, estando dotado de uma grande capacidade e perspicácia de dedução e interpretação vai tornando claro ao leitor.

Este jogo dialético, sempre presente nas grandes obras clássicas da literatura, é uma das coisas mais interessantes que a literatura soube aproveitar da técnica clínica psicanalítica, porque mesmo ao personagem literário, o psicanalista vai conversando com ele, interrogando sobre seus sentimentos mais obscuros [*incompreendidos*] a partir de seu comportamento expresso e não o contrário, ou seja, tem-se a premissa de crer que, por detrás de todo aquele

tipo exaltado e ferocidade anímica sobrepõe algo que impulsiona o agir de tal forma, como se fosse uma maneira de equilibrar algo com o que não se dá conta de conviver em paz.

A insatisfação humana já começa por sua forma de ser definido, aquele que não possui um lugar na natureza, ou seja, o homem não encontra qualquer equilíbrio na vida simplesmente vivendo; ele necessita realizar algo mais que satisfaça ao seu orgulho [seu *ego*] *ferido* por não encontrar sequer uma resposta para a pergunta original e que parece ser a mais singela de todas, ao primeiro olhar: *o que sou eu?*

A resposta que poderia parecer mais óbvia ainda expressa uma profusão de sentimentos confusos e a cada nova interrogação tem-se, ao final, necessidades cada vez maiores e mais transparentes de respostas que lancem verdadeira luz sobre o caso. A começar que a identidade de alguém não é algo que se conquiste; é dada a ele por seus pais e reconhecida pela sociedade na qual se desenvolve.

Tudo o que parece ser uma conquista pessoal e, de certa forma, o é, não passa de uma caracterização do referencial que lhe é mostrado e com o qual o indivíduo se identifica desde muito cedo, por motivos ignorados até por ele mesmo. É em busca desta categorização de si mesmo que toda a aventura da vida se apresenta, ou seja, não se torna alguém independente de um espelho, porque este ainda que não esteja posto à sua vista, de um modo inconsciente continua a direcionar todos os passos que o personagem dê em sua caminhada.

Nas literaturas em geral, a presença marcante de uma personagem que, em situações normais, não existiria, faz com que todo o enredo da trama seja imaginado como um acontecimento normal, dado que a construção imagética da população é garantida por sua condição de ignorância

dos costumes de várias sociedades e que os escritores souberam e ainda sabem explorar com intensa maestria. Da mesma maneira, por ignorar o homem as forças secretas que regem seus pensamentos, desejos e ações acredita, com muita convicção, que age livremente em suas tomadas de decisões.

Aquilo que a Literatura expressa em suas páginas e termina sendo interpretado como imaginação de poetas e criatividade pode, muito mais ser compreendido como um rebuscamento da realidade objetiva que, ao passar pelo filtro individual sofre impactos e transformações diversas, de tal maneira que um encanto didático se apresenta sobre o mesmo levando a obra a provocar um estado de êxtase no leitor. De repente, se descobre que nada do que o herói alcançou em sua vida e do que conquistou em sua intensa jornada de aventuras estavam livres de influências as mais diversas e quando o leitor se depara com esta realidade, com esta revelação, que não é sobre si, mas sobre um personagem fictício, vê-se no lugar deste e na mesma situação existencial.

Esta condição única de interpretação hermenêutica demonstra que “Literatura e psicanálise *lêem* o homem na sua vivência cotidiana tanto quanto no seu destino histórico. Elas se assemelham mais profundamente por excluírem qualquer *metalinguagem*: não há diferença entre o discurso que se faz sobre elas e os discursos que as constituem. Sabe-se que nunca chegaremos a nos desligar verdadeiramente daquilo de que falamos, e, entretanto, fixamos como finalidade chegar a verdades *falando do homem que está falando*.”<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> BELLEMIN-NOËL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. São Paulo: Cultrix, 1978, p. 13.

Pode-se compreender desta fala que, uma análise literária, por mais profunda que seja, irá debruçar-se sobre aquilo que o autor tenha apresentado em sua obra, produto específico de sua visão, esta que é corroborada por sua experiência individual, formação, princípios, sentimentos mais ou menos volúveis que, de uma forma complexa fazem parte de sua personalidade e aquilo que sua cultura permitiu que expressasse. No entanto, não podemos nos prender ao draconismo do autor citado e dizer que tudo que está expresso nas artes é um pensamento por demais abstrato que não nos possa, permitir uma leitura do tempo histórico e do homem, também preso àquele recorte momentâneo. A Psicanálise, como técnica, fundamenta todos o seu trabalho analítico sobre bases sólidas que visam interpretar o tempo, de modo sociológico, ou seja, de modo que envolve os seres (personagens) das obras buscando que, uma vez isto alcançado, permite ao analista ter uma ideia bastante ampla de tudo que cercava este único ser que está no divã analítico, sendo perscrutado por meio de ações, palavras e pensamentos.

A literatura expressa um comportamento singular de determinado indivíduo que não se encaixa nos moldes da sociedade em que vive e, na mesma proporção, de modo paradoxal, esta mesma comunidade o aceita porque precisa de um bode expiatório, alguém que realize todos os desejos obscuros que as pessoas procuram esconder até de si mesmos; que expresse as blasfêmias que gostariam de dirigir ao sagrado e assim, quando qualquer coisa aterrorizar a cidade, terão um elemento sobre quem lançar a culpa e expurgá-la com a expulsão deste ser em especial. Da mesma forma que ele pode exceder em ações e palavras, o preço a ser pago é a condição de carregar toda a culpa trágica coletiva.



Na existência real, este herói que, na verdade, é um bode expiatório, é expulso da comunidade ou morto. Na obra literária clássica, este mesmo indivíduo é *escolhido* para ser o salvador da cidade, saindo em uma aventura suicida, algo que funcionaria como um ritual de purificação, porque ele não é um herói, ele é um párea, um degenerado, uma coisa aviltante que a sua morte não será sentida por ninguém. A sua escolha é uma forma de oferenda, um sacrifício humano disfarçado e, da mesma maneira, ele aceita o desafio, porque sabe que sua falta não representa nada para nenhuma das pessoas ali presentes.

A literatura conseguiu expor esta faceta obscura das comunidades humanas e como todos ainda pensam sobre costumes muito arcaicos, um deles o sacrifício humano como forma de aplacar a fúria da natureza e dos deuses. Mas, e onde entra a Psicanálise? Até o seu surgimento, todos tenderiam a crer que tudo se tratava de um ser iluminado pelos deuses e que, por este motivo, ele era já escolhido pelo destino para ser o grande salvador de todos; aquele que combate o mal com mão de ferro, pré-destinado a vencer. Lógico que, ao final da peça literária, o autor cuida de auferir ao guerreiro que sobrevive a todos os desafios e retorna, à sua comunidade, como herói, um passado que somente é revelado a fim de mascarar o fato de que sempre foi visto como um ser abjeto, por todos, sem distinção.

A este tipo de ação dissociativa, Freud denominou de sublimação, o fato de transformar algo indesejável e que causaria aversão no público quanto ao seu conteúdo, em algo sublime, nobre e encantador. Os autores clássicos criaram e expuseram esta técnica desde tempos imemoriais e o que o Mestre de Viena vem agregar é que tal estratégia é característica do próprio inconsciente humano, uma atitude adotada de modo quase tão comum quanto o próprio ato de existir.

Geralmente, o grande herói da trama comete todos os excessos ao longo de suas aventuras e a interpretação é que o faz a fim de sobreviver às situações de desafio, o que não deixa de ser uma verdade. Mas, de igual forma, ele comete esta gama de crimes porque para ele não faz a menor diferença; cresceu assim, e, em meio a todo um aparato em que sua educação foi mundana e profana, não sendo ensinado a obedecer a nenhum deus ou figura de poder superior. Quando regressa de suas jornadas suicidas, todos exaltam sua inteligência, sua capacidade de criar estratégias e com elas vence os mais terríveis inimigos e aquilo que era uma desgraça para a comunidade, para a tribo, se transmuta em valor superior, em disciplina de guerra e, estranhamente, a punição para estes crimes [quase] desaparece. Aquele bastardo, o inglório se torna o salvador, o herói que vai receber a mais alta honraria, com estátua em praça pública e ser louvado. No entanto, mesmo que as leis se afrouxem em torno da tradição, quem poderá substituir o herói quando de sua partida? A resposta é ninguém, porque não se constrói um indivíduo para ser guerreiro e ser capaz de superar até mesmo a morte. As famílias, via de regra, educam seus filhos para respeitarem as leis sociais e para viverem vidas que possam ser gozadas junto de seus pais, esposas, filhos e netos. Portanto, a formação do herói superior é a negação de uma educação tradicional, em que uma determinada criança é escolhida para ser o bode expiatório da comunidade e, como parte da construção de seu espírito superior, todos desejam matá-lo e assim o fariam, caso não fossem raras situações em que é salvo por alguém.

Por este motivo que, muitos anos mais tarde, quando o mal e a tragédia se abatem sobre a cidade e sobre a comunidade é a ele que recorrem novamente e, a pergunta é, porque não fabricaram um novo herói, talvez utilizando os

mesmos mecanismos de formação e transformação da personalidade? Uma resposta que mais se aproxima de se revelar como uma verdade esclarecedora é o sentimento de culpa, uma vez que todos os cidadãos crêem que o guerreiro abandonado os salvou por amor e altruísmo e, assim se ressentem de aplicar novamente a fórmula em novos projetos. Como diria D. Diderot, se soubessem o que de fato este indivíduo, de espírito altruísta sente, de fato, o matariam... Como ele não possui nada além de raiva dentro de si, quando encontra alguém sobre quem pode lançar todo o seu ódio e sua fúria, assim o faz, mentindo, trapaceando, agredindo e até mesmo matando. Sente que aquele monstro à sua frente é igual a ele, logo, ceifar sua vida é livrá-lo de uma existência miserável e na mesma proporção, espera que o seu adversário tenha o mesmo sentimento com relação a si e o ataque com toda sua fúria, porque isto seria um ato de respeito.

Não raro, rivais de elevada categoria, tornarem-se amigos e ainda assim continuarem a lutar com [*aparente*] ferocidade nos romances que se transformam em sagas infinitas, como, por exemplo, Sherlock Homes e o Professor Moriarty. Porquanto, esta relação da Psicanálise com a Literatura é dinâmica, porque não é somente uma questão de o personagem estar ali, fixo no tempo e no espaço à disposição de quem se disponha a analisar sua compleição psíquica e os motivos que o levam a agir de uma determinada forma e não de outra. O personagem flutua em suas amplas dimensões e se metamorfoseia quando nas mãos hábeis de um analista experiente e o que parece ser contundente em um momento do trabalho analítico, mostra-se mais profundo e exigente de entendimento, como se continuasse tão vivo quanto o seu criador. Isto faz com que a maioria dos estudos envolvendo ambas as disciplinas sejam construídos tendo como base estudos semânticos e

apropriações detalhadas dos eventos que marcaram a época em que foi criado o personagem em análise. E em muitos casos, a sua análise pura não é capaz de revelar seu real caráter, porque junto com ele é criado um outro personagem, além de seu rival, antagonístico declarado e perfeito, que esconde os princípios de fraqueza e de sentimentos que farão os fãs odiar neste companheiro fiel, mas que não se farão presentes no herói e se estiver lá para que alguém veja, provoca distração e desvio da atenção para este rumo, propositadamente elaborado como um jogo às cegas com o leitor, este que busca identificar-se não com o herói em si, mas com sua obstinação e persistência, que mais aproxima-se da estupidez pela forma como age, sem pensar nas consequências que podem resultar de sua ação. E o mais interessante é que esta sua audácia, esta sua intempérie, desperta paixão até mesmo em seus inimigos mais rapaces, que tomados de respeito pelo adversário, com o tempo descobrem-se amando-o. E é esta relação inconsequente que atravessa a suposta razão lógica que a Psicanálise busca analisar e compreender, transformando o incompreensível em possível de ser entendido, porque lança sobre o objeto de estudo, um feixe de luz que delinea as formas mais próximas da entrada, parafraseando o próprio Freud, quando fala acerca de sua técnica inovadora e ousada. É nesta desenvoltura sobre o pensar abstrato que pode-se chegar a compreender que “a relação de Freud com a literatura revela como ele tomava a arte como forte aliada no desafio de criar um novo território de sondagem da subjetividade, que era a psicanálise. Esta sempre foi, nesse sentido, uma hermenêutica, um saber interpretativo.”<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> ROSEMBAUM, Yudith. Literatura e psicanálise: reflexões. *Revista FronteiraZ*. São Paulo, n. 9, dezembro de 2012, pp. 225-234, [p. 227].

Freud percebeu, com muita clareza, que nas obras literárias estava expresso e descrito um comportamento singular de indivíduos raros, excêntricos, mas que aquele tipo especial de homem posto nas páginas como essência representava sentimentos reprimidos de toda a sociedade que para ele eram canalizados. Partindo de um ponto de inflexão, não fora tão difícil levar esta observação particular para a clínica e para seus pacientes, o que em pouco tempo pode comprovar que não estavam errados.

O desejo de cada indivíduo, posto sob ferros pela cultura, pela lei e pela tradição criaram não um homem ético, mas um ser doente e raivoso, coisa que Nietzsche já havia revelado anos antes; o que pesava agora era o caminho tomado a fim de direcionar esta energia catexiada para algo que não fosse reprovável pela sociedade e até mesmo reconhecido como sendo ideal. Com isto, o Mestre de Viena interessou-se mais em observar esta manifestação ídica, transmutada em valores altruístas, uma vez que os literatos já haviam revelado que a besta peluda primitiva que dera origem ao homem moderno, civilizado, perfumado e engravatado persistia em sua existência, disfarçado de modo elegante sob a pele do cavalheiro educado e da dama recatada.

Nietzsche já havia revelado que todo mundo possui um dente de serpente e, basta um fator decisivo ou uma provocação adequada para que o exponha. Nesta linha de seguimento, muitos são os longa metragens e agora as séries em que um pacato cidadão se transforma em um monstro e sai em busca de justiça e/ou vingança, porque foi-lhe tirado algo muito precioso, em geral, um filho, a esposa ou a família inteira. De maneira que a literatura descobriu uma forma de reproduzir a ira individual, em seus mínimos detalhes, onde o herói não se importa com os riscos a que tenha que se submeter, somente para satisfazer seu desejo

egocêntrico de retribuição pela dor que foi causada a si e pela compensação psicótica do bem que lhe foi subtraído.

O que mais chama a atenção é que os leitores adoram a história e se vangloriam da atitude, considerada fora da lei pelos atuais códigos legais e esta paixão pelo transgressor é por causa de que ele realiza um desejo reprimido que habita no íntimo de cada um. Este êmulo das leis, este indivíduo que era amado e respeitado por todos se torna, aos olhos da legislação, um párea, uma besta que foi consumida pelo desejo selvagem de viver como os primeiros homens da história. No entanto, este mesmo ser desprezível aos olhos do *Nomós* é agraciado pela *Physis* como sendo um homem de verdade, inteiro e não a peça de vitrine castrada, mutilada, emasculada em que foi transformado o ser humano ao longo de poucos milênios de história.

O leitor se realiza a partir desta figura patética, encontrando um elo perdido há muito tempo, ao mesmo tempo em que compreende que limites em relação aos outros devem ser respeitados e mantidos, sob pena de revolta e agressões, com o sentido de devolver tudo à normalidade. O desejo absoluto de ver-se livre das cadeias que mantém o espírito aprisionado é ainda o mais poderoso elixir que as obras clássicas utilizam, levando a todos a sentirem-se íntimos com o herói [*que, de acordo com as leis atuais e com a ética vigente é um anti-herói*], mas eis que o jogo de cena realizado pelos escritores é tão forte e emblemático que o sentimento de vinculação afetiva vai se fortalecendo ainda mais, porque o vilão que ataca a família do herói é uma figura que se esconde por detrás de uma máscara de virtude, mas que pratica atos desprezíveis com relação aos outros. E, neste ínterim, a justiça se apresenta omissa de seu dever público, porque fora corrompida pelo dinheiro e pelo poder.

Os sentimentos de impotência diante da vida e das situações vivenciais, em que o homem começa a sentir-se oprimido, encontram alguma forma de expressão tão logo o seu limite seja atingido. Parece estranho, mas o herói desmedido, arrogante existe, é aceito e seus excessos são tolerados, pelo simples fato de que suas ações expressam o que o homem comedido e simples sente em seu íntimo; mas, que não consegue extravasar.

Freud afirmava que toda expressão de sentimentos reprimidos encontra um modo singular de escapar do mundo intrínseco individual e, por extensão, coletivo e a literatura foi o campo mais prolífico para toda condição, porque ali tudo se parece fantástico [*demais*], dotado de uma condição de magia em que nada tende a ser encarado como fora do escopo de desejo manifesto. Os limites e as fronteiras desaparecem de tal maneira que tudo se transforma em uma zona cinzenta, uma mistura daquilo que representa a composição de todas as cores [*o branco*] com a ausência de todas elas [*o preto*] e é neste espaço que a representação do espírito insatisfeito, incompleto se expressa em toda a sua fúria imaculada, produzindo um excêntrico estado de êxtase silencioso em quem assiste.

Isto já esclarece como a Psicanálise se debruça sobre as obras literárias, buscando encontrar elementos que possam tornar visíveis os rastros [*ou migalhas de pão*], deixados pelo inconsciente, como marcas indeléveis que fazem a obra e o personagem terem propriedades únicas, critérios muito singulares que possibilitam uma aproximação da verdade objetiva. Ao afirmar que a literatura representava uma poderosa aliada na criação de uma técnica particular de análise, esta é uma condição a que Freud sempre fez questão de frisar, ao longo de sua obra, não porque os poetas e literatos houvessem descoberto uma nova forma de explicar os comportamentos; eles, nada mais fizeram que

descrever tais situações que desafiavam o homem normal em sua trajetória de vida mundana, sem a máscara da obrigação social, porque as situações que enfrentavam os desvelavam de tais obrigações. Era, neste espaço, que o psicanalista começava a sua ação de interpretar aquilo que estava dado, o que fora exposto e que antes não realçava daquela forma; logo, surgia uma distinta oportunidade para indagação que, de imediato, não oportunizava muitas respostas objetivas; no entanto, o exame acurado destas mesmas manifestações no cotidiano, abria precedentes para deduções mais sólidas e interpretações mais profundas, acerca do comportamento humano expresso, mas que oculta uma outra situação, uma espécie de segredo que o indivíduo nega até de si mesmo e foi isto que chamou a atenção de Freud, porque uma vez rompidas determinadas barreiras de censuras, este mesmo ser expressa o que estava preso em uma dimensão de seu pensamento que não ousava expor, por motivos alheios e desconhecidos até a si mesmo.

Era esta profundidade do pensamento humano que Freud e seus companheiros buscavam compreender, por meio da prática clínica; porém, a Psicanálise não é uma técnica indutiva, antes dedutiva e para consolidar seu saber, necessita ter fontes que a auxiliem-na a pensar suas deduções de um modo mais seguro e transparente. Já na literatura, o autor, escondido sob o princípio de que explora a fantasia e a ilusão, ele coloca em seus personagens os sentimentos e emoções mais variadas, sob o disfarce de que tudo não passa de ficção, não tendo, nem mantendo qualquer tipo de relação com a realidade.

Antes de a Psicanálise interpretar qualquer ação humana, ela necessita ter a certeza de que tal situação se mostra presente como fato científico, ou seja, não é um ato isolado entre tantos que podem acometer o ser humano,



cotidianamente, e mais, este fato, deve já estar provocando situações de desconforto tal que justifique uma intervenção clínica especializada, a fim de, em um primeiro momento, elucidar o problema e, em um segundo momento, interpretá-lo para, a partir daí poder-se elaborar uma proposta clínica de intervenção terapêutica.

Nenhum artista foi, é, ou será capaz de pensar para muito além de sua cultura histórica, de seu tempo; porém, eles sempre foram exímios em enxergar o mundo interior humano em suas minúcias e, mais especialmente, em suas condições mais negativas, mais sombrias e mais sinistras; aquelas que os humanos guardam com maior propriedade e determinação ou ainda aquelas mais fúteis, que não irão proporcionar incrementos significativos à vida do indivíduo; mas que, ainda assim, ele insiste em aprofundar em sua trajetória, que pode acabar por condená-lo a uma condição de terrível infortúnio.

A culpa sempre foi um sentimento muito explorado por Leon Tolstoi, em suas obras e, em cima deste sentido de ser e agir do ser humano, construiu novelas fantásticas, em que o próprio indivíduo condenava-se a um fim trágico, punindo outros tantos mais à sua volta, simplesmente por não dar conta de conviver com sua condição de sofrimento e angústia. Freud dizia que “os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra, com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência.”<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> FREUD, Sigmund. (1907 [1906]). *Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 18.

A liberdade de que goza um artista literário para descrever o mundo intrínseco humano é, de fato, algo que desperta a inveja nos psicólogos, porque atua com grande vantagem de passar toda profundidade analítica como mera descrição imaginária, em que tudo o que descreve e expõe é algo que existe muito além da esfera existencial humana, porque todo um brilho mágico é posto à volta do objeto, produzindo sombra sobre o mesmo e um motivo real, não pensado de maneira lógica, por alguém educado em um sistema binário onde o pensamento se vincula a partir do entendimento sobre as coisas em que estas se dividem em boas e más, de maneira ingênua e simples é interpretado como um fim em si mesmo.

Freud, desde muito cedo, compreendeu que mesmo um artista poético, utilizando de toda a sua perícia para transformar sua obra em algo mágico, além do natural, tem como sua fonte de inspiração o mundo no qual habita. Toda a artimanha literária que emprega, fazendo de seu produto uma construção surreal representa o que F. Nietzsche expressou no seu aforismo onde revela que toda palavra esconde outra palavra e toda filosofia uma oportunidade de uma máscara. Quanto maior o poder de encanto do texto, mais difícil para alguém aceitar ou admitir que o seu fundamento seja a realidade objetiva, alegando que tudo o que ali está posto é a visão do poeta, elaborado a partir de sua licença poética, i.e., uma interpretação particular da realidade e, quando os autores colocam na sinopse *baseado em fatos reais [sem se dar conta de que estão a cometer um pleonasma redundante]*, há quem repita o jargão histórico: *a vida imita a arte, isto quando algum indivíduo realiza uma estrapulia hedionda, semelhante àquela exposta na obra de ficção e, a arte imita a vida, quando o relatado é parecido ou mesmo idêntico a algum acontecimento histórico.*

Todo ser, por mais genial que se apresente perante os olhos de sua sociedade, é produto acinte desta, das suas ideologias, de seu tempo específico, do respectivo momento histórico e se, por um acaso, se mostra adiante de seus princípios é porque a própria comunidade e a história já sentem necessidade de que precisa avançar e, para tal há que discutir novas ideias. Assim, escolhe alguns aos quais permite que ousem colocar na pauta do dia temas que, até então, eram tratados como *tabus* [assuntos proibidos]. Este ser o motivo porque muitos anos após a morte deste indivíduo, o que ele defendia tornar-se assunto comum, fazendo parte do conjunto de ideologias sociais, parte do comportamento cotidiano. Nisto haverá quem diga que ele foi um visionário, um super dotado que vislumbrou um futuro e que foi por sua causa que os costumes mudaram e a sociedade, também [Sancta simplicidad!].

Durante toda a saga do herói, em que enfrenta os mais diversos tipos de obstáculos e horrores para chegar a compreender a sua sociedade e porque ele é diferente dela, o seu *pathos* é muito mais marcado pela violência de não obter respostas para seus questionamentos do que pelos ataques que recebe de todos. Ao final, todos o agradam e o honram por sua coragem e fica a impressão de que foi pela vitória alcançada ao longo de todo o seu caminhar; mas, o que ele não sabe é que sua jornada foi um teste, um subterfúgio para saber qual a dimensão da mudança que assola o espírito de todos. Mais uma vez, ele é nada mais que alguém escolhido pela *Physis* para confrontar o *Nomós*, quando a leis humanas tornam-se abusivas e opressoras, quando não, sádicas.

Por mais que os poetas e literatos queiram dizer que seus personagens foram projetados a partir da observação de algum membro da comunidade, este é um eufemismo que encobre os rastros visíveis deixados quando se analisa

os pensamentos e palavras dos autores, em que os heróis e vilões são complexas expressões de si mesmos, extensões de sentimentos reprimidos dirigidos aos seus inimigos reais e desafetos virtuais.

É neste ponto que a Psicanálise mais se debruça e se esforça para explicar os comportamentos desmedidos dos personagens que, a primeira vista, são dois inimigos de morte, o que é interpretado como o Ego e o Superego, cada qual tentando sobreviver a seu modo e justificando sua ação na mesma medida de plausibilidade e coerência. Por fim, são a mesma face de uma mesma moeda, cada qual auxiliando o outro a encontrar sentido em uma existência vazia de qualquer sentido. Em muitos casos, o bandido revela ao herói que, assim como ele, também é desprezado. Está sempre sendo enviado em missões de morte, das quais escapa porque conta com a ajuda de quem menos espera conforto e consideração, porque fora ensinado a pensar e a agir desta forma em relação ao mundo que o envolve. E, se assim não o é, porque sempre salva seus desafetos de situações mortais? Não se trata de bondade, mas de um tempo de entendimento singular de que não é parte de nada, apenas uma peça isolada em um tabuleiro invisível, que nem ao menos desejou fazer parte.

A diferença entre um autor literário e um cientista que tem o escrutínio da mente como seu ofício é que o primeiro não precisa provar nada do que diz, não está submetido ao crivo de passar pela ideia de hipótese, para que torne-se uma teoria, e outras ações que demandam empecilhos para o avanço do pensamento erudito. Quando eles elaboram alguma doença nervosa para um personagem, tomam o cuidado de não classificar o doente, antes de descrever sintomas, os mais variados, sem qualquer obrigação de diagnóstico definitivo e quando este aproxima-se de chegar a uma conclusão, tomando conhecimento de si mesmo, eles

o eliminam, deixando ao leitor e aos estudiosos interessados a oportunidade para conferir um dado final aos sintomas apresentados pelo personagem literário.

Freud percebeu, antes de todos, que os poetas invadem e extraem do inconsciente humano aquilo que as ciências têm desejo, mas não conhecem a fórmula exata para se fazer e mais, expõem suas descobertas sem a menor preocupação com a opinião pública. Isto encanta quanto espanta e muito mais, possibilita que se façam inferências que ajudarão na formulação de hipóteses acerca da vida humana cotidiana. É permitido ao literato todo tipo de peripécia e estratégia em que explica o porquê e o como os indivíduos agem motivados por forças ocultas a si mesmos, colocando todo o aparato técnico na boca de um demônio ou de um pensamento que vagueia sem direção.

O que mais despertava a atenção de Freud neste campo é o fato de que nenhuma obra literária clássica, em especial aquelas que foram elaboradas pelos gregos e por autores de épocas posteriores, antes do advento da Psicanálise, não possuíam o menor interesse em explorar o aspecto psicológico dos personagens. Faziam parte do itinerário as buscas por problemas políticos, dívidas de sangue, vingança, poder e raiva por ter sido preterida por algum amante. E tudo isto vai de desdobrando em ações mais ou menos violentas e inesperadas, que acabam, por fim, por mostrar a verdadeira face que esconde cada indivíduo quando incitado a mostrá-la, desprovida de sua máscara habitual. E, é esta suposta simplicidade, expressa na forma de clareza comportamental dos personagens que faz uma obra clássica ser clássica. Aparentemente, os motivos que induzem o herói à guerra e às batalhas mais sangrentas estão postos à vista de todos, muito claros, desprovidos de qualquer conflito; apenas o desejo latente de realizar o intento; no entanto, cada ação que é realizada em

seguida traz em si um significado singular, profundo, amplo, incompreensível; algo que somente o herói se acha capaz de interpretar.

O literato não tem qualquer obrigação em seguir qualquer regra canônica ou de caráter ético para expor seus personagens aos mais dramáticos eventos e extrair-lhes os mais tenebrosos sentimentos que não ousariam expor em qualquer situação habitual. Esta liberdade para expor os pensamentos ocultos funciona como um elixir no qual todo o empenho do autor mostra o que pode ser realizado, abrindo caminhos para que outras ciências atentem para o que existe para além do que cada indivíduo mostra ou esconde por detrás de sua máscara social. Cada tempo vai ter sua medida de liberdade e nenhum autor mostrar-se-á ousado o suficiente a ponto de romper com esta possibilidade de escrever o que seja muito além de seu domínio intelectual e de vivência epistemológica e gnosiológica. Sendo assim, a literatura abre um precedente singular para que aquilo que é pensado e desejado pela geração futura seja já expresso em tempo anterior, porque, enquanto que a consciência permanece limitada ao espaço temporal, o inconsciente tem toda a liberdade de sonhar o futuro e desta forma apresentá-lo, ainda que não seja possível aplicá-lo à realidade objetiva.

Bellemin-Noël apresenta uma ideia profunda de que a literatura possui uma liberdade natural, que a torna algo diferente e mais profunda que todo o pensamento abstrato que existe, já pensado sobre a natureza e, possivelmente seja neste ponto de intersecção entre ela a Psicanálise, como uma técnica que está condicionada a parâmetros científicos, que a primeira tenha chegado a atuar como um farol que ilumina caminhos outrora obscuros para a segunda. Na concepção deste autor, “a literatura também é algo diferente do corpo mais ou menos embalsamado de ideias já feitas, e que se fizeram fora do contexto imediato,

onde cada um se debate: não somente o conjunto dos discursos consignados antes de nós e longe de nós, mas também um discurso particular. Durante muito tempo, ela foi chamada e considerada *útil e agradável*; a utilidade provinha do prazer oferecido; a satisfação devia-se à sua inutilidade para [com] a vida. [Assim que] discurso literário significa discurso desequilibrado sobre a realidade. Nisto está o seu encanto, o seu drama e sua sorte maravilhosa.”<sup>14</sup>

Até que ponto este autor está correto na exposição de seu pensamento? Nada foi criado por acaso e com a finalidade de ser inútil para a existência. A sociedade aceita e, de igual forma, reprime aquilo que não passa por seu critério de valor. Qual medida utiliza para julgar algo como bom, como pragmático e como inútil é e continuará sendo um mistério que somente pode ser desvendado muito tempo após a sua ocorrência de fato e em meio a um contexto de elevada complexidade.

A Literatura exerce um papel preponderante na vida humana, que é o de divertir, criar uma atmosfera surreal, fazer com que o cidadão comum possa se imergir neste mundo do ilusório e ver-se como aquele que conquista a honra e é amado e admirado por todos... O simples fato de assim se verem já indica que a capacidade de entendimento do pensamento do autor é nula e uma visão qualquer é posta em evidência, a mais fácil de ser aceita, pela maioria, como verdade. Neste sentido, a análise posta por Bellemin-Nöel toma o seu lugar de domínio, porque mesmo que ninguém concorde que seja tão singelo é ainda melhor que assim seja tomado, porque permite a conciliação nas rodas de conversa.

---

<sup>14</sup> BELLEMIN-NOËL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. São Paulo: Cultrix, 1978, p. 12.

No entanto, a Literatura é perturbadora em qualquer tempo. Quando Ulisses, o personagem da *Odisseia*, está perdido em uma ilha, no mar Mediterrâneo, e os rapsodos começam a cantar suas aventuras ele desaba em lágrimas e os músicos e os poetas param de cantar imaginando que sua música e lírica estão ofendendo ao convidado e ele, sem poder oferecer quaisquer e maiores explicações acerca de seu comportamento, recebe como alento as palavras do anfitrião: “Não importa o seu crime, maior é o amor do pai!”<sup>15</sup>

Quando o leitor se defronta com estas palavras, encontra-se em um penhasco de conflitos em que, por inúmeras vezes, passou por dores atrozes por não ser capaz de perdoar a si mesmo, atirando esta incapacidade ao seu genitor, afastando-se do pai acusando-o de ser a causa de sua incapacidade de relacionarem afetivamente. Freud e seus discípulos perceberam isto após muito analisar e estudar as extensas obras e contos fantásticos de sua época. Balzac era um perverso e, não por acaso criou figuras esdrúxulas que interpretavam a existência como um brinquedo sem graça que necessitava de algum incentivo; no entanto, descobriam, da pior forma possível, que para tudo se havia um preço a pagar. Mesmo no reino do *tudo é possível*, havia consequências e limites estreitos, com os quais o homem haveria de se defrontar, uma vez que não era perseguido por tais insígnias, elas estavam à sua espera, em um futuro inexorável, impiedoso e insensível aos apelos de quem quer que fosse.

Muita ideologia e efusão sobre acontecimentos que podem ser vistos através da literatura fazem com que se endeusem artistas literários criativos, como se eles tivessem criado doenças, pensamentos e outras situações que fogem ao seu domínio real. Como já afirmado, o que estes poetas

---

<sup>15</sup> Vide Homero. *A Odisseia*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.



fazem é colocar para fora de seus mundos, através dos contos, dos romances e de suas peças todo um conjunto de conflitos que os suprimem e com os quais não conseguem lidar de maneira adequada. Esta expressão catexial dos sentimentos mais profanos de si mesmo, este amalgama delicioso para o leitor, mas que representa um inferno para quem o vive é o cerne de toda produção artístico-literária. Quanto mais violento e brutal, primitivo, se mostre tal conjectura do caos infinito, mais profundamente o autor terá que mergulhar para, simplesmente, explicar o que tudo aquilo representa e como solucionar, porque à maneira do psicólogo, o leitor requer uma solução para o paradoxo, para a confusão que cria, uma vez que igual à Pandora, tenha aberto a caixa que contém todos os males do mundo é seu dever, agora, esclarecer como superá-los pela razão lógica. Este, o motivo porque todo livro traz em seu final, uma explicação [*plausível*] para o drama e não uma solução do enigma como todos gostam de acreditar. Este jogo é dramático e *pathético* por si só e não fosse a perícia do poeta em criar esta condição especial, os julgamentos sobre as obras clássicas beiraria o ridículo.

O pensamento de Bellemin-Nöel [*supra exposto*] apresenta um árduo paradoxo, porque se a literatura é algo que se mostra inócua e sem nenhum efeito sobre a realidade objetiva [*ao menos é assim que pretende ser interpretada*], onde estaria o seu valor para despertar o interesse da Psicanálise no contexto de sua exploração do inconsciente, apresentando tantas inovações e mais que isto, iluminando um caminho ainda desconhecido à maioria de tantos cientistas e [*quase*] obrigando-os a curvarem-se às suas explanações? Talvez toda esta condição posta de inutilidade a que faz referência o autor supracitado, seja com relação ao homem comum, que deleita-se em suas histórias

como uma forma de fugir ao fatigante combate com a vida que não o abandona.

Sendo assim, a literatura está destinada a sempre alimentar a ânsia da Psicanálise por mais algum atributo sobre o espírito humano, que ela mesma não teria como buscar, por estar presa a regras de contingência, que fazem render-se ao conceito da ética e dos princípios científicos. Com isto, podendo dizer que tudo que é trazido à luz pelos poetas pode ser considerado como uma brincadeira que não teria motivos para assombrar a ninguém, porque produto da fantasia de algum ébrio louco, como bem poderiam ser considerados Dostoiévsky e Balzac, ou ainda, uma figura angustiada pelo imenso desprezo a que vivia soterrado Oscar Wilde, por seu amante Alfred Douglas.

O escritor inglês criou o seu Dorian Gray e nele deposita toda a arrogância e desprezo pela humanidade que nutria seu companheiro, demonstrando que, ainda que fosse possível manter sua beleza intocável, sua alma pagava o preço e deveria mantê-la escondida de todo e qualquer observador. Ao mesmo tempo, transforma Lord Henrique Voton em um demônio sombrio que instiga a todos a sua volta a buscarem seus demônios escondidos e a libertarem-nos sem saber o porquê de o estarem a fezê-lo.

Outro escritor que soube transformar todos os seus personagens em figuras atormentadas por suas broncas ações desmedidas é Leon Tostoi. Ele explora o mundo inconsciente de suas criações de tal forma que a pior doença jamais superada pelo homem [*a culpa*] os consome tal qual os filhotes de uma aranha o fazem com a presa viva anestesiada por sua mãe e que assim se mantém e, a cura para tal sofrimento psíquico só pode estar disponível por aquele que foi insultado, não havendo qualquer remédio ou poder conhecido que liberte o espírito do sofredor de sua

teia de aranha que a cada dia mais o embaraça, tornando-o cada vez mais doente dos nervos.

Esta condição essencial da literatura e ainda que quanto mais ela explora o lado negro do espírito humano mais ela é exaltada é um desfecho que conduz ao fascínio por ela, até mesmo pela Psicanálise, talvez porque desperta todo um emaranhado de confusões que mais funciona como uma catarse.

Na concepção de Bellemin-Noël “a descoberta do inconsciente questiona o conhecimento que temos do psiquismo humano, conhecimento do qual vivemos a cada minuto. O que se escreveu e se escreve ainda, aquilo que leio, tudo é trabalhado, sem que eu saiba, por energias fabulosas (e fabuladoras): o que acontece com minha leitura hoje? Por outro lado, a psicanálise opera sôbre a linguagem, fator de verdade e alienação nas relações entre pessoas e no próprio interior da pessoa: o que me ensina ela sobre este lugar de exercício privilegiado da linguagem que é o conjunto da literatura, onde a realidade secreta do indivíduo se exprime melhor que em outra parte? Eis aí perguntas verossímeis. A finalidade da investigação torna-se então esta: *descrever os princípios e o leque de meios que a psicanálise colocou à nossa disposição para nos permitir ler melhor a literatura.*”<sup>16</sup>

A magia da leitura não se torna comprometida e nem perdida, porque os escritores cuidaram de criar ambientes psicológicos em que a trama vai se dando de tal maneira que, mesmo tendo amplo conhecimento dos sintomas e transtornos psiquiátricos apresentados pelos personagens, o que se busca em um texto literário é a capacidade que o autor tem de utilizar a sua licença poética e criar algo

---

<sup>16</sup> BELLEMIN-NOËL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. São Paulo: Cultrix, 1978, p. 13.

inusitado, fundamentado na realidade e nos saberes de seu tempo. Nisto, o que a Psicanálise proporcionou de ganhos diretos à produção literária foi a condição de se criar arranjos que estão completamente fora da possibilidade de ser interpretado pela lógica simplista. O leitor tem de debruçar-se na tentativa de compreender o enredo, o contexto, a situação anterior e como ela levou a que o herói da trama se comportasse daquela forma que está expressa no livro.

Ao mesmo tempo, o próprio personagem central se torna um analista convicto, exaltando-se com todas as suas descobertas, estas que se lhe apresentam como uma revelação, oferecendo ao leitor esclarecimentos que fogem ao escopo de um comportamento adequado ou considerado como normal para os padrões da sociedade na qual se está inserido. Depois que Freud e seus discípulos, através da nova ciência, esclarecem como o inconsciente atua sobre a existência humana, os processos de produção artístico-literária sofreram mudanças bruscas em seus aspectos mais intrínsecos. Por um breve período, várias ideias e formas [*consideradas*] inovadoras de se produzir literatura foram sendo postas à disposição da sociedade e esta, por sua vez, filtrou aquilo que considerou como vinculado ao seu gosto estético e relegou tudo o restou ao mais sutil banimento e, conseqüentemente, ao esquecimento social e ao ostracismo literário.

Este é um problema, porque tão logo uma nova ideia é posta à vista surgem grupos os mais diversos tentando explorar o *fetichismo* que ela provocou e, neste procedimento aventureiro, termina por deturpar a ideologia científica que endossa o processo de criação e ampliação do pensamento, o que faz com que a divulgação da nova proposta seja alvo de críticas infundadas, especialmente por parte daqueles

que não possuem o hábito de ler os textos na íntegra para depois aplicar o seu intelecto na interpretação do exposto.

A Psicanálise, tanto quanto a Literatura, faz esta cobrança, em particular, ao leitor e sem respeitar tal preceito todo o conteúdo do texto termina sem o menor sentido, criando interpretações sem nexos causais com a realidade e com aquilo que, de fato, se deseja expor, através da criação literária. O que passa a auferir maior poder de entendimento ao desafio posto ao herói é aquilo que se mantém oculto da visão, os segredos que o inconsciente procura manter oculto do indivíduo, porque este não possui o devido discernimento e o poder necessários para suportar toda a violência que a verdade revelada expressa e impõe.

Quando, na obra, toda a verdade e os segredos mais profundos são trazidos à tona, o indivíduo que os recebe é tomado de grande estupor, assombrado e como que em cenas de um filme que passam por sua cabeça, os fatos vão se conectando, esclarecendo-lhe como se dão as ações e as suas consequências, em que ao final não foi mais que um peão em um jogo complexo e mortal. Termina crendo que foi usado por outros como a uma marionete; mas, o fato é que aceitou tudo aquilo porque não possuía qualquer perspectiva na vida; sabia bem que sua vida não fazia o menor sentido para ninguém, nem mesmo para si; apenas não compreendia porque agia de tal forma...

É esta inocência [*para não dizer ignorância*] diante do agir no mundo que faz o leitor identificar-se com o herói da trama literária, uma vez que o guerreiro reproduz um comportamento humano presente no cotidiano e que, quando cada um se volta para dentro de si, na tentativa de compreender o quê aconteceu e como foi conduzido a tal situação e ainda porque não ter lutado contra ela no momento em que estava a sofrer os impactos negativos sobre seu corpo e seu espírito, sente um sentimento de

alívio, porque descobre que não dependia de si. De uma maneira complexa e paradoxal, estava a sentir-se feliz dentro daquele drama shakespeariano.

Esta identificação emocional com o herói que sofre muito mais com a descoberta de que não é senhor de seus desejos e de suas ações deliberadas, porque motivadas por situações antigas e inexoráveis é o grande achado da Psicanálise que foi incorporado aos textos literários. Não raro, muitos leitores estão a identificar-se com o bandido, com o vilão, mesmo que admirem o herói e , quando ao final do livro, o sacripanta foge da prisão ou dá mostras de que continua vivo, advém um alívio de alegria. Isto não tem vínculo algum com o caráter de quem esteja a ler a obra, é algo humano, demasiado humano.

Depois da Psicanálise o leitor passou a ter maior esclarecimento no ato de sua leitura dos romances, dado que toda uma vasta produção de eruditos e não eruditos passaram a fazer parte da vida humana, alcançando todos os campos da existência, na tentativa de explicar os fenômenos comportamentais de todos, sem exceção. Não era esta a intenção de Freud, embora ambicionasse criar uma técnica que o pudesse fazê-lo e conseguiu.

Esta possibilidade conferida pela Psicanálise com relação à Literatura representa um feito fantástico, porque confere mais poder e capacidade de entendimento sobre o que se fala e como se dá a expressão desta fala, o que ela guarda de misterioso, de agradável e de desagradável, um encontro dialético com o ser e com o não ser. Com o surgimento da técnica psicanalítica e sua possibilidade de aplicação sobre os diversos campos do conhecimento, entre eles o literário e suas produções, isto abriu muitas formas de se ver o que antes era considerado como excessos ou simplesmente possessões demoníacas, loucura, ou ainda, um mero delírio de algum autor. Há que considerar que a

linguagem é o principal instrumento sobre o qual se debruça a Psicanálise e o que ela encontra é uma expressão do Ego, bem como aquilo que a Literatura traz em seu escopo de abrangência.

Sempre é necessário esclarecer que a Psicanálise se debruça sobre os personagens das histórias e seus mais complexos sentimentos, sintomas revelados pelos autores; no entanto, em muitos casos, e não raro, isto não se mostra suficientemente amplo para permitir uma leitura da condição psicológica do autor e sua relação com a realidade objetiva que o envolvia naquele momento específico. A formação do patético que ela proporciona é um processo complexo de identificação inconsciente, algo que cruza os caminhos de forma a criar laços, mais ou menos fortes, que fazem este encadeamento de pensamentos, sem obrigar qualquer um que leia determinada obra a sentir-se envolvido ou atraído por ela, como, por vezes, é peculiar que aconteça.

Se toma a Literatura como um caminho somente de ida para um mundo obscuro e abstrato, do qual não se sabe exatamente e nem de maneira ilusória o que se pode alcançar ou encontrar, ela se torna o reino do inesperado e o autor, tal qual Freud referia a si mesmo, um arqueólogo, um desbravador de mundos desconhecidos e que, com suas aventuras pelo mundo mágico da mente, tanto pode trazer coisas benéficas quanto pode desenterrar um novo *Vaso de Pandora*. E isto não depende de nenhuma perspectiva sua, porque o objeto encontrado é quem se torna responsável por ditar as causas, vindo a ser soberano no reino da psique individual.

Esta condição traduz-se em uma possibilidade única de percepção da vida, fazendo com que os enfrentamentos diários pareçam menos agressivos e quando os leitores adentram o universo da história e de seus personagens, marcados por suas nuances mais intrigantes e distorcidas,

têm a potencialidade de encontrarem a si mesmos e, através da solução do problema psicológico deste ser imaginário, produto singular da ficção e da ilusão de alguém, descubrem-se eles mesmos, vítimas dos mesmos sintomas, das mesmas fraquezas, da mesma vontade de potência ante à vida, o que joga uma quantidade de luz sobre o problema que permite entender, mais uma vez, agora sob a condição de entendimento e de clara compreensão que, a Psicanálise ajuda “a leitura a revelar uma verdade do discurso literário, a dotar este setor da estética de uma dimensão nova, a fazer ouvir uma fala diferente de maneira que a literatura não nos fale somente dos outros, mas do outro em nós.”<sup>17</sup>

Esta verdade do discurso literário a que faz menção o autor supracitado, é um esclarecimento sobre o que esconde-se nas entrelinhas do pensamento linguístico, porque não é o sentimento em si que está expresso, o que é impossível de ser, porque não pode ser visto, tocado ou sentido de maneira tangível, no entanto, quando as letras sobrepõem, em linguagem simbólica, todo o aparato de sensações, mais ou menos furtivas que assomam ao pensamento humano quando sob o efeito da paixão é que os leitores se encontram em condições de fazerem-se compreendidos em seus mundos intrínsecos. Uma vez que não consigam vencer esta etapa de forma equilibrada, ficam fixados e frustrados em suas conquistas e isto produz a angústia que termina por conduzir alguns indivíduos ao sofrimento contínuo de dor e de paixão, tornando-os escravizados nestas sensações dolorosas, algo como se a dor sentida em um determinado momento continuasse a repetir-se sem conseguir avançar.

---

<sup>17</sup> BELLEMIN-NOËL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. São Paulo: Cultrix, 1978, p. 20.



A literatura aprendeu, a expressar o ser humano como um cosmo, que representa para si e para os outros que envolvem a existência, coisa que as artes plásticas já conseguiam com propriedade; no entanto, a linguagem que esta utiliza para expressar-se é confusa e depende de muito preparo para se chegar ao ponto ideal de poder equilibrar as nuances que se encontram dispostas à interpretação minuciosa e à vista de todos e de ninguém.

Não se pode ter a ideia ingênua de que a linguagem literária é menos complexa que a das artes plásticas. O que ocorre é que com a arte literária, tem-se um alcance mais próximo do literal, porque a linguagem tornou os seres humanos em seres da oralidade; suas outras capacidades linguísticas e de comunicação ficaram à margem da existência, sendo necessário um esforço sobrehumano para que venham e/ou possam desenvolver-se à *contento*. Freud, ao criar a Psicanálise, dotou sua técnica de inúmeros instrumentos capazes de captar aquilo que está para além do frágil sistema de percepção, análise e entendimento humano e se sua técnica se fundamenta na estrutura analítica da linguagem oral, ela se apropria de outras vertentes, outras formas de linguagem, que ultrapassam o procedimento comum de ação. Nisto, tem-se que, quando um personagem dialoga, declama, expõe suas angústias no texto, o analista vai em busca de descrições de como se comporta este e os outros personagens à sua volta, como se o determinante da ação não estivesse na fala, mas nos elementos que ela encerra, como algo que está à vista, mas que não pode ser percebido, porque tão óbvio. E se está posto de maneira tão óbvia, o que ele está querendo, de fato, manter afastado da vista?

Esta é a pergunta que a Psicanálise tenta responder por meio de sua atuação clínico-hermenêutica, em que explora os espaços disponíveis para a compreensão do que

não pode ser compreendido pela razão pura. Muito mais que um esclarecimento de pontos obscuros, ela procura lançar luz sobre todo o problema, deixando-o o mais transparente possível, descortinando a verdade, não impondo uma que lhe interesse sobre o objeto.

A razão e a sensibilidade sempre deixaram suas marcas sobre a produção literária, porque todo escritor, poeta, necessita adentrar o espaço do pensamento e do espírito, mesmo da existência que esteja fechado a qualquer outro que não possua seu estado de sensibilidade ética e estética. Nada disto pode ser alcançado sem uma dose de investigação acurada e observação vivencial das situações cotidianas a que estão impregnadas as existências dos homens e das mulheres, independentemente de qual sejam suas posições sociais ou idades. Muitas obras literárias buscam a escarnecer da classe burguesa, talvez motivados pela inveja e pelo desejo secreto de estar na mesma posição, mas o que isto acaba revelando é que o homem mediano se torna mediano não por suas parcas condições, mas por deixar-se levar pela satisfação dos desejos mais baixos, na crença de que tudo pode, uma vez que pode..., não necessitando dar maiores satisfações a quem quer que seja.

Extraindo daí os seus elementos mais profanos, percebe-se com isto, que, “a literatura é um jogo elaborado: a seriedade que preside à sua criação exige mais labor, suas construções são [*muito*] mais complexas. Pois, trata-se (inconscientemente, claro) de apagar os traços do processo primário, afogando-o no meio dos processos secundários que se encontram mais ou menos subvertidos. O escritor produz, em geral, numa língua conforme aos usos da gramática, um discurso de quase-racionalidade e de quase mimetismo em face das condições da realidade; se ele se permite *licenças* de expressão, se tem direito a uma visão

*fantasista* das coisas, etc., sabemos bem que [estas] são exigências da *arte*. Sem o engajamento de todo o homem, sem a aplicação de sua inteligência, de sua cultura, mas também sem os *grãos de loucura* que, aos olhos do público, fazem do artista uma espécie de *criança grande* ou de perverso inofensivo, não há mais encanto possível.”<sup>18</sup>

O que o autor expressa, nesta citação, é que ausente toda a liberdade poética do escritor, haveria uma perda de sentido para a obra em si e, conseqüentemente, para a compreensão do leitor, porque consistiria em apresentar um personagem irreal, descontextualizado, desconectado de sua realidade humana objetiva. O ser humano, via de regra, não responde com muito bom humor quando é contrariado, muito menos quando tem seus desejos negados. É neste campo da busca de satisfação dos desejos mais ambiciosos que os artistas literários têm focado suas mais arduas peripécias, a fim de poder construir emaranhados de difícil solução, conduzindo o leitor a ficar instigado a solucionar de mil formas, em sua mente, o enredo que parece [quase] insolúvel para o herói da trama. Um único feito, torna-se capaz de mudar, por completo, a personalidade de um determinado herói de uma saga e que, muitas vezes, quando o texto se inicia, ao longo do relato, conta-se a história sobre o que fê-lo tornar-se de uma forma ou de outra, a pensar de modo divergente do que se espera de alguém que ocupe o espaço em que esteja.

A Psicanálise se posiciona de forma a fazer uso daquilo que a literatura trouxe de sua escavação e lapidação da existência humana. Esta última procura lançar sobre a condição humana um véu dourado, a fim de minimizar a violência com que trata os personagens nos enredos,

---

<sup>18</sup> BELLEMIN-NOËL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. São Paulo: Cultrix, 1978, p. 33.

transformando-os em verdadeiros monstros sádicos e sem princípios. Este é um campo que, uma vez desbravado pela literatura permitiu à Psicanálise compreender, com maior seguridade que existe um espaço ainda mais profundo no pensamento humano que mesmo que se explore, não há como compreender o ser humano em suas dimensões mais intrínsecas, porque este constitui-se um universo em si mesmo. O que vai e o que vem em sua mais ousada capacidade de síntese é um mistério que desafia até mesmo o mais fantástico escritor e poeta.

Com a aplicação da técnica de análise, desenvolvida por Freud, esta distância pode ser minimizada, tornando possível aproximar-se o quanto mais de uma resposta mais objetiva, superando os desafios da subjetividade, não muito mais; porém, esta superação já marca um amplo avanço no entendimento sobre como se dá a ação humana quando entregue a sua vontade volitiva de vencer obstáculos colocados pela existência e mesmo de conhecer-se um pouco melhorou ainda de satisfazer os seus desejos, o que resulta em sua busca por felicidade. Nada disto passou despercebido por Freud, que elaborou um conjunto de técnicas que, uma vez chegando ao conhecimento do público em geral, proporcionou maior riqueza aos textos elaborados pelos escritores e poetas, que já eram talentosos e muitos outros que não conheciam a fluidez literária, adquiriram-na, transformando a arte de escrever em uma arte de explorar o mundo intrínseco de personagens, muitos deles, ganhando vida própria.

Este conjunto de técnicas de escrita é o que marca a distinção entre um autor convencional e um autor que é capaz de encantar com sua perícia. Bellemin-Noël afirma que, “para ser eficaz e reconhecido, um escritor literário não deve parecer nem demasiado convencional nem totalmente lúdico: ele precisa de um coeficiente [*ideal*] de marginalidade

proporcional àquela que a maioria dos leitores estão prontos a conceder à sua própria infância, cujos erros e alegrias desejamos apreciar com simpatia, [*sempre*] livre de qualquer angústia. [*Assim*], Todo mundo lembra-se do tempo em que construía sua realidade com desejos, em que o verbo se fazia mundo; o tempo da varinha de condão e do tapete voador, em resumo, da *magia*.<sup>19</sup>

A este respeito Freud dizia que a melhor fase da existência humana é a infância, porque não se possui uma outra com a qual possa compará-la; logo, este pensamento do Mestre de Viena já traduz o que se sente em relação ao contexto que é explorado e exposto pela literatura clássica, procedendo a uma análise mais profunda do que seja o existir e todas as suas vicissitudes. Em nenhum momento se pretende construir um jogo de poder sobre os personagens, criando situações que causem embaraço nas respectivas potencialidades de compreensão e síntese dos leitores. O que se pretende é um amadurecimento nos procedimentos de como se lê uma história e se percebe nela, através das atitudes dos personagens e dos exemplos citados ao longo da mesma.

Uma história fantástica é sempre a combinação de um pensamento amplo com a possibilidade de expô-lo sem ser cerceado neste direito. A condição de convivência social não permitiu ao homem moderno soltar a sua língua, seu corpo e nem sua imaginação, conforme deseja em todo o tempo; por isto, ser uma criatura da angústia, aprisionado em sua condição eterna de infelicidade, o que Nietzsche chamou de um monstro que se debate dentro de uma jaula, arranhando-a e ferindo a si próprio, porque criou para si uma doença terrível da qual não conseguiu jamais se curar. O

---

<sup>19</sup> BELLEMIN-NOËL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. São Paulo: Cultrix, 1978, p. 33.

que a literatura faz e a Psicanálise, também, é abrir as portas da gaiola para que esta fera aprisionada consiga sair e viver isenta de sua doença, até o momento em que sente que necessita da mesma, como Edmund Danté, *O Conde de Monte Cristo*, personagem criado por Alexandre Dumas (1802-1870), em que tão logo tenha oportunidade pede a Deus que conceda seu lugar no jogo da *vendeta* para que ele próprio faça justiça a quem a merece e faça pagar por seu infortúnio a quem fosse de direito e, uma vez satisfeito em seu desejo voraz de vingança, arrepende-se de sua postura e volta-se para o mar. Possivelmente, algum leitor poderia dizer que com sua posição e posses, poderia viver como um burguês na cidade, administrando seus negócios; mas ele, assim como todos os humanos não estava livre de sua doença mais clássica e teria que expiar sua culpa.

Tudo aquilo que vai e que vem no espírito e no pensamento de um homem é o que o determina como ser social e tudo o que ousar fazer, para além e para aquém, em sua jornada, não pode ser explicado por si só. Tudo o que se conseguiu avançar com a criação da Psicanálise foi fantástico; no entanto, ela se vale de recursos paralelos, porque nem sempre a psique de um indivíduo pode ser explicada por alguém que não teve contato com o mesmo, a não ser que este analista seja um escritor ou um poeta, onde faz uma varredura naquilo que poderia ser imaginado e exposto com toda a liberdade que ambas as artes possibilitam e permitem, sem constrangimentos. É neste sentido que Freud atribui a imensa e incomparável ajuda de tais profissionais, na elucidação de alguns problemas psicológicos, por meio da exposição de figuras imaginárias e seus relativos e respectivos estados emocionais. Ele sabia muito bem que tais expressões eram a representação do estado de espírito da sociedade na qual estes homens estavam imersos e mais, como um cientista que tinha suas

bases epistemológicas fundamentadas na Biologia, sabia bem que a Filogenia determina a existência humana; logo, comportamentos de figuras do passado podiam ser revistas e interpretadas no presente. Assim que, os mesmos motivos que direcionavam os seres humanos do passado eram os mesmos que continuavam a direcionar os de agora.

## CONCLUSÃO

A Psicanálise e a Literatura debruçam-se sobre um mesmo componente que é uma aproximação da expressão do desejo humano inconsciente e, enquanto a segunda retrata-o de uma maneira selvagem, crua e sem muitas preocupações com a opinião pública, aliás, depende desta para sua expansão maior, a primeira busca estudá-lo, com a finalidade de compreender os processos que motivam ou não os seres humanos a romperem barreiras mais ou menos difíceis de serem superadas pelo bom senso ou pelo desejo volitivo.

A função da literatura é despertar o patético no leitor, levá-lo a horrorizar-se com as situações e assim, tomar partido na interpretação das atitudes insanas, desmedidas, do personagem, conhecendo-o por meio de suas nuances e adventos. O poeta e o literato não estão guardados pela ética, porque expõem, sem maiores preocupações, todos os segredos dos seus personagens, como se estes fossem meros bonecos que pudessem ser manipulados a seu bel prazer.

Freud compreendeu que os poetas e os escritores contribuíam para sua técnica, a qual estava em processo de criação e que por si só, enfrentava dificuldades, como ainda hoje ocorre, para interpretar situações de comportamentos, dado que a Psicanálise nasce na clínica, para depois deixar as paredes do consultório e, diferentemente da Antropologia que podia observar o comportamento humano ao ar livre, esta não estava, em sua gênese, com tal condição de observar os neuróticos e os [supostos] normais, em suas lides diárias.

A literatura explora o inconsciente humano, expondo tudo o que se possui de valor positivo e negativo e que pode vir a ocorrer quando vê-se negado em seus desejos ou



ultrajado por alguma força estranha, contrária a si. Este é o fato mostrado por Eurípides, quando escreveu *Medéia* e *Hipólito*, em que a primeira, tomada de fúria cega, por ter sido abandonada por seu marido, assassina o que a fazia lembrar-se dele, os seus três filhos e Fedra, madrasta do jovem Hipólito, ao ter seu segredo revelado e, em seguida, sendo rejeitada por este, vingava-se do ultraje, colocando sua honra acima de seu caráter contra o rapaz. Não fosse isto, Leon Tostói retrata os mais sórdidos sentimentos de Ana Tierbastikáia Karenina contra seu amante, o Conde Vronsky, simplesmente por não ter sido capaz de conviver com seu estado de culpa, chegando a tal extremo que comete suicídio somente para que ele sofresse, como se desejasse para este uma vida eterna como castigo.

A literatura goza de um prestígio muito grande que é o de poder fantasiar as situações e os sentimentos dos personagens, não explorando-os com fins didáticos, antes como entretenimento e um deleite para os leitores que almejem um pouco de lazer e descontração. Isto a permite lançar coisas que saem do cotidiano para a ficção sem que seja condenada pela opinião pública, uma vez que existe toda uma licença poética que possibilita e incita o imaginário dos artistas.

Considerar a literatura como algo inútil para a vida é apelar para sua uma negação da própria existência, porque aquilo que ultrapassa a vida como fazê-lo como areia ou como semente, e é neste ponto que a Psicanálise se insere na sua condição de técnica capaz de analisar, interpretar, compreender e sintetizar os sentimentos humanos em meio ao seu brilhante desafio de ser em um mundo que o nega, desde o nascimento até a sepultura.

O que a Literatura trouxe de mais valioso para a Psicanálise foi a sua expressão máxima empírica do indivíduo, desprovido de sua *persona*, *desnudado*, presente

em uma condição de realidade nua e crua, abjeta, coisa que nenhuma outra arte, ciência ou técnica conseguiu detalhar com tamanha precisão. Esta rudeza é o que foi capaz de impressionar a Freud, em um primeiro momento e a seus discípulos, logo em seguida, chegando até os dias atuais, como elemento condicionante para a execução de uma boa leitura de um texto literário, esta que agora permite ao leitor, realizá-la sob os auspícios da inocência ou sob a rudeza da crítica qualitativa.

## REFERÊNCIAS

BELLEMIN-NOËL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. São Paulo: Cultrix, 1978.

FREUD, Sigmund. (1907 [1906]). *Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

ROSEMBAUM, Yudith. Literatura e psicanálise: reflexões. *Revista FronteiraZ*. São Paulo, n. 9, dezembro de 2012, pp. 225-234.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto: Ensaaios* (Coleção Debates). 2. Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, INL/MEC, 1973.

VILLARI, Rafael Andrés. Relações possíveis e impossíveis entre a Psicanálise e a Literatura. *Psicologia Ciência e Profissão*, 2000, (20) 2, pp. 02-07.



ISBN 978-658510109-7



9

786585

101097